

## 5. Dimensão da missão de Jesus: Reino de Deus

### 5.1. Introdução

Este capítulo versará sobre a missão de Jesus, o Reino de Deus. Começando com a ideia do Reino como realidade última e prioritariamente uma realidade histórica. Este é compreendido em vias como a do seu significado nocional, seu destino, primeiramente aos pobres, mas aberto a todos. E por fim sua prática com milagres e curas. Três dimensões serão destacadas e enfatizadas: a misericórdia, a solidariedade e a justiça, todas culminando como o amor-ágape. Esse Reino, por ser um dom de Deus pregado e vivido por Jesus, já é histórico e igualmente se projeta para sua plenitude além da história. Por ser dom divino é assim gratuito e se pede da parte humana sua acolhida na fé e sua correspondência no seguimento de Jesus. Enfrenta as adversidades do mundo como a idolatria e os contra-valores do anti-reino, por isso encontra perseguição e martírio. Assim, uma realidade teologal – vem de Deus – e cristológica – centrada em Jesus.

### 5.2. Reino de Deus como uma realidade última

Este item sobre o Reino de Deus não tem como objetivo explorar tudo o que Jon Sobrino escreveu sobre este assunto - até porque extrapolaria os limites do tema dessa tese, - mas mostrar como o autor em estudos construiu uma perspectiva cristológica a partir desse título Jesus Servo de Deus numa hermenêutica cristológica latino-americana a partir dos pobres<sup>452</sup>. A Cristologia da Libertação ensaiada nesta perspectiva da Igreja latino-americana e do mundo dos pobres põe o Reino como o centro de toda a pregação de Jesus<sup>453</sup>. Evidencia-se assim o reinocentrismo<sup>454</sup>. De fato, a Teologia da Libertação sempre teve como ponto central o Reino de Deus pregado e instaurado por Jesus. Destarte, convém esclarecer a relação de Jesus com o Reino.

---

<sup>452</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, op. cit., p. 62-101. No segundo capítulo deste livro, Sobrino arquiteta toda sua perspectiva cristológica: a partir da igreja dos pobres e do mundo dos pobres. Consequentemente, Jesus histórico é o ponto de partida da Cristologia da Libertação.

<sup>453</sup> Ibid., p. 106.

<sup>454</sup> BENTO XVI. *Jesus de Nazaré*. São Paulo: Planeta, 2007, p. 63. Mesmo afirmando que é uma utopia, é louvável o Papa defender o reinocentrismo, o qual se instala como uma posição ecumênica do cristianismo com as outras religiões.

A revelação sempre demonstrou, no Primeiro Testamento, Deus agindo na história. Sua presença é histórica. É o Deus da aliança e não se pode pensar biblicamente um Deus sem a aliança com seu povo. Um Deus sem isso é o Deus totalmente outro, sem ação na história, inominável, totalmente transcendente e com pouca ação histórica a não ser pelas mediações humanas e da natureza. E por isso, a aliança de Deus é a extensão de sua ação, constituindo sua soberania, seu reinado. Esta relação de Deus com sua soberania é “tão estreita e forte” que se forma assim uma dimensão correlacional entre Deus e o reino<sup>455</sup>. Jesus ao instaurar esse Reino correlacionou essa dualidade de Deus e o Reino inseparáveis, podendo-se imaginá-la como duas faces de uma mesma moeda em movimento.

A pregação de Jesus sobre o Reino não foi só ideias como tanto revolucionários pregaram um mundo de Justiça e de Paz. Aliás, Jesus nem partia das ideias e doutrinas, mas das suas práticas de amor-serviço. Sua atuação na história se dava mediante uma experiência de Deus como Pai-misericordioso. Já tendo como uma longa herança a imagem de um Deus justo e misericordioso<sup>456</sup>, Jesus evidencia o Pai-misericordioso como se sintetiza na parábola do Pai-misericordioso e do Filho Pródigo (Lc 15, 11-31) bem como a parábola do bom samaritano que condensa toda a atividade cristã (Lc 10, 29-37). O fato de Jesus ter afirmado no início de sua ação histórica que o “Reino de Deus está próximo” (Mc 1, 15) e, por vezes, também afirmou: “O Reino de Deus está no meio de vós” (Lc 17, 21) leva a compreender duas realidades: uma histórico-temporal e outra transhistórica, numa tensão de um “já e ainda-não” do Reino como também se manifesta essa dualidade entre Jesus e o Reino. Vê-se no Novo Testamento Jesus se revelando pela sua ação na história, sua ação não está separada dele. Observa-se que não podem ser compreendidas as ações (Reino) sem Jesus e vice-versa. Jesus sem suas ações seria um Deus transcendente, escondido no seu mistério abissal e não teria revelado o conteúdo para a Salvação do gênero humano. Neste sentido, Jon Sobrino também põe uma dualidade entre Jesus e o Reino como uma realidade dual unificada<sup>457</sup>. Compreendem-se Jesus e o Reino como realidade

<sup>455</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, op. cit., p. 105s.

<sup>456</sup> VALÉRIO, P. F. *Deus justo e misericordioso*. São Paulo: Paulinas, 2007. Tese doutoral defendida e aprovada na PUC-Rio. Parece ser sua temática, primeiramente, a de um Deus justo e, posteriormente, misericordioso e não o inverso, misericordioso porque justo. Sendo assim, nasce não das entranhas de Deus, mas dos seus mandamentos formando um sistema ético-moral.

<sup>457</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, op. cit., p. 107.

última. Evidentemente, Sobrino põe o Reino como realidade última<sup>458</sup> sempre nesta dualidade correlacional entre Jesus e o Reino.

Assim, um aspecto importante a destacar neste início de capítulo é o “reinocentrismo” da Cristologia Libertação, a qual, parte do Jesus histórico sem abandonar o Cristo da fé<sup>459</sup>. Não há separação entre ambos, pois, “o Jesus histórico não é outro senão o Cristo da fé<sup>460</sup>”. Há um projeto cristológico de Sobrino com uma longa e larga reflexão sobre o Jesus Histórico e o Cristo da Fé na Cristologia da Libertação Latino-americana<sup>461</sup>. A Cristologia da Libertação não está preocupada em demonstrar a histórica biografia de Jesus como se apresenta hoje com muitos personagens de relevância, mas está preocupada em ter como princípio norteador o Jesus Histórico e este compreende a figura de Jesus com toda a sua ação, mensagem e seu processo e destino nos evangelhos<sup>462</sup>.

### 5.3. Via nocional: Utopia do Reino

A utopia do Reino de Deus em meio da miséria da história humana. Mas, antes de adentrar nesta reflexão convém analisar etimologicamente a expressão Reino de Deus. Em hebraico: *Malkuta Iahweh* ou no grego: *Basiléia tou Theou* é uma formulação da apocalíptica tardia em Israel<sup>463</sup> e quer dizer Reinado de Deus, Soberania de Deus<sup>464</sup>, porém se traduziu por Reino de Deus nos escritos marcanos e lucanos (Mc 1, 15; Lc 6, 20) ou Reino dos Céus em Mateus (Mt 5, 3).

Os salmos nomearam Iahweh como Rei, o qual por sua vez possui uma soberania sobre Israel e todos os povos<sup>465</sup>. No tempo dos juízes já havia essa concepção de que Javé é um Deus-Rei<sup>466</sup>. Na monarquia, Deus continua a ser Rei e os reis terrenos ocupam um “lugar tenente” de Deus no meio do povo<sup>467</sup>. Esta monarquia, Jon Sobrino nomeia com “Reinado de Deus”, o qual possui duas

<sup>458</sup> Ibid., p. 106.

<sup>459</sup> Id. *Jesus na América Latina*, op. cit., p. 23.

<sup>460</sup> Ibid., p. 23.

<sup>461</sup> Veja-se a ascendência do projeto de SOBRINO: *Cristología desde Americana Latina* (1976); *Jesús en América Latina* (1982); *Jesucristo Liberador* (1991); além de muitos artigos em revistas.

<sup>462</sup> Ibid., p. 100.

<sup>463</sup> Id. *Jesus, o Libertador*, op. cit., p. 109.

<sup>464</sup> BULTMANN, R. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2004, p. 41.

<sup>465</sup> Cf.: Sl 47,7; 92(93); 94(95); 96(97); 98(99).

<sup>466</sup> PIXLEY, J. *História de Israel a partir dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 20ss.

<sup>467</sup> Ibid., p. 22ss.

conotações: uma primeira como o governo de Deus em ação na história, mediante os reis terrenos, e a segunda se caracteriza pela transformação da realidade histórico-social má e injusta em outra boa e justa<sup>468</sup>. Assim, Reinado de Deus é em primeiro lugar uma realidade histórica, a qual se manifesta como ação transformadora de todo o povo e das pessoas, por isso, pode-se afirmar que abrange o coletivo e o individual ao mesmo tempo, conseqüentemente, o Reinado de Deus surge como uma boa notícia diante da existência de realidades más<sup>469</sup>.

Havia em Israel, no tempo de Jesus, vários movimentos messiânicos; contudo, entre tantos, destaca-se com bastante sobrelevo o movimento de João Batista com a pregação da vinda do Messias e o seu reinado. João Batista aparece no deserto anunciando a iminente vinda de Deus com o julgamento para os povos, o que se chamava o dia da ira de Deus. Por isso, a pregação do Batista era de denúncia contra os contra-valores da aliança de Deus e o anúncio da vinda do Messias portando intrinsecamente os valores do seu reinado para instaurá-lo em Israel<sup>470</sup>. A noção do Reinado de Deus se patenteia com Jesus. Sua pessoa, pregação e ação na história fazem emergir claramente o que significa Reino de Deus<sup>471</sup> – ou melhor, dizendo: Soberania ou Reinado de Deus<sup>472</sup>. Toda a ação de Jesus é construir o Reinado de Deus com pregações, parábolas, curas, milagres, gestos proféticos, refeições, entrega na cruz. Sua ação pode ser compreendida como os gestos divinos de solidariedade com a humanidade oprimida<sup>473</sup>. A ação de Jesus se apresenta como continuidade da esperança messiânica e da ação de Javé nas diversas etapas de renovação da Aliança; ao mesmo tempo se mostra como descontinuidade peculiar de um amor que perdoa sem limites até e além da cruz<sup>474</sup> como é o fato da ressurreição. Sobrino expressa muito bem isso quando ressalta não se poder separar a cruz da ressurreição e vice-versa<sup>475</sup>.

Três grandes características se destacam para dar a noção de Reino de Deus, já que Jesus não conceitua o que significa Reino de Deus. A primeira é o

<sup>468</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, op. cit., p. 110.

<sup>469</sup> Ibid., p. 110.

<sup>470</sup> Ibid., p. 113.

<sup>471</sup> Note-se bem que nos quatro escritos dos evangelhos está Reino de Deus e em especial em Mateus, Reino dos Céus por razões ideológicas e religiosas.

<sup>472</sup> RATZINHGER, J. (Bento XVI). *Jesus de Nazaré*, op. cit., p. 65.

<sup>473</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, op. cit., p. 117.

<sup>474</sup> Ibid., p. 117.

<sup>475</sup> Id. *Jesus na América Latina*, op. cit., p. 216-239.

“já” histórico e o “ainda-não” do Reino. Jesus começa sua pregação afirmando: o “Reino<sup>476</sup> de Deus está próximo” (Mc 1, 15a). Mas também afirma outras vezes: o “Reino de Deus está no meio de vós” (Lc 17, 21). Estas duas expressões de Jesus revelam uma proximidade e uma imediatez do Reino, as quais aparentemente se constituem uma contradição lógica. Como uma realidade ainda está no futuro, mesmo que se avizinha ao presente, e ao mesmo tempo já está no momento imediato quando afirma no meio de vós<sup>477</sup>.

Há pelo menos quatro interpretações as quais se complementam para explicar essa realidade de proximidade e imediatez do Reino. De proximidade porque o tempo já chegou (Mc 1, 15) e de imediatez porque não há mais mediação entre o ser humano e Deus, entre o ser humano e o Reino, pois este está no dentro do ser humano. A primeira é do ponto de vista filosófico das categorias aristotélicas do ser e do não-ser – ato e potência – a partir das quais se podem compreender essas duas expressões de Jesus. Usando o método de correlação de Paul Tillich, ser e não-ser, correlacionam-se simultaneamente, em tensão polarizada<sup>478</sup>, isto é, dentro do próprio “ser” está o não-ser. A segunda é quando se aplicam essas categorias na realidade histórica, tem-se uma realidade trans-histórica, e isto está patente na pregação de Jesus, pois há uma tensão entre o “já” e o “ainda-não”. Jesus fala do Reino tanto nos seus discursos e práticas bem como fala do Reino na pregação apocalíptica. Este tempo presente: “já” e o tempo futuro: “ainda-não” estão correlacionado intrinsecamente numa tensão polarizada do presente e do porvir. Um estudo bem acurado sobre esta realidade do “já” e “ainda-não” é o de Oscar Cullmann no seu livro, com tradução para o português: “Cristo e o Tempo<sup>479</sup>”. A terceira é que o Reino de Deus é pura iniciativa, dom e graça de Deus<sup>480</sup>. Mas ao mesmo tempo, essa dádiva divina deve ser aceita pela fé e buscada pelas pessoas quando escuta o chamamento de Jesus. Por isso, Jesus prega a conversão/metanóia: “Convertei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1, 15b). Essa gratuidade divina se manifesta nas ações de Jesus. As pessoas, ao aceitarem a

<sup>476</sup> Usa-se aqui a tradução de Bíblia de Jerusalém com o termo Reino de Deus.

<sup>477</sup> No “meio de vós” como “dentro de vós” ou a pessoa de Jesus no meio dos seus interlocutores.

<sup>478</sup> TILlich, P. *Teologia Sistemática*, op. cit., p. 195.

<sup>479</sup> CULLMANN, O. *Cristo e o Tempo*. São Paulo: Custom, 2003. Veja-se a concepção linear do tempo na História bíblica da Revelação e a concepção cíclica do Tempo no helenismo, principalmente a partir da página 89ss. Ver reflexões: SOBRINO, J. *Jesucristo Libertador*, op. cit., p. 147s. BENTO XVI: *Jesus de Nazaré*. São Paulo: Loyola, 2007, p. 67s: Proximidade e imediatez do Reino com Jesus.

<sup>480</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, op. cit., p. 119.

proposta de Jesus, também devem buscar esse Reino como dom divino por pura gratuidade: “Amados, se Deus de tal maneira nos amou, devemos nós também amar uns aos outros” (1Jo 4, 11). E quarta característica é a do Evangelho como Boa-notícia para os pobres e pecadores<sup>481</sup>. Com a ação e a pregação de Jesus, compreende-se que Deus é salvador dos pobres e pecadores arrependidos, e não mais juiz, mas por pura misericórdia, perdoa e acolhe os pobres e os pecadores. Há muitas vezes, uma identificação dos pobres e pecadores na ação de Jesus. A consciência das elites político-religiosas israelitas, no tempo de Jesus, era aquela segundo a qual os pobres, principalmente aqueles que exerciam determinadas profissões desprezíveis<sup>482</sup>, em si mesmos já eram os pecadores, como no caso dos publicanos<sup>483</sup> (Lc 19, 7). Por isso, neste sentido, Sobrino é radical quando afirma a parcialidade de Deus e de Jesus com os pobres.

Portanto, Reino de Deus é melhor compreendê-lo como Reinado de Deus ou Soberania de Deus, pois é mais que uma realidade espacial e temporal. É uma realidade do estado das coisas e das pessoas transformadas por Deus mediante a pregação e ação de Jesus. Por isso, abrange a toda criação: a terra, seres diversos, os seres humanos e o universo, e ainda mais, tudo o que foi “criado” pelo ser humano ou co-criado pela humanidade com Deus. Toda engenharia humana penetrada e transformada por Deus se constitui no Reinado de Deus.

### **5.3. Via do destinatário: O Reino de Deus é dos pobres**

O Reino de Deus é para os pobres ou para aqueles que se fizerem pobres e solidários como eles. Mesmo sabendo do significado mais apropriado do Reino de Deus ser “soberania de Deus” ou “reinado de Deus”, não se usará continuamente a expressão aqui e sim a mais costumeira: Reino de Deus. É de uso mais habitual e respeita-se a tradição da tradução do texto dos evangelhos. Na versão lucana, Jesus começa sua pregação na Sinagoga de Nazaré citando Isaías:

O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a remissão aos presos e aos cegos a

<sup>481</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, op. cit., p. 121.

<sup>482</sup> JEREMIAS, J. *Jerusalém no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 1996, p. 404.

<sup>483</sup> Ibid., p. 413

recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor (Lc 4, 18-19).

Esta citação do livro Trito-Isaías recupera com profundidade toda a utopia vétero-testamentária de um Deus defensor e libertador dos pobres. Jesus é o ungido de Deus para evangelizar os pobres e assim se estabelece a parcialidade divina por eles. O Reino de Deus é dos pobres. Deus e Jesus optam parcialmente pelos pobres. Jon Sobrino cita Joaquim Jeremias como exegeta:

Como constatação de que Jesus proclamou a aurora da consumação do mundo, não descrevemos ainda completamente sua pregação da Basiléia. Pelo contrário, não mencionamos ainda o traço essencial... a oferta de salvação que Jesus faz aos pobres... O Reino pertence unicamente aos pobres<sup>484</sup>.

Para Jesus, quem são esses pobres? Ele retoma a longa tradição da ação do Deus êxodo que escuta os clamores do seu povo escravo no Egito (Ex 3, 7). Dos encurvados pelo peso das cargas em serviços forçados e opressões legais, os *anawins*<sup>485</sup>. Estes não são pobres no sentido metafísico, abstrato. São os empobrecidos concretos, reais, oprimidos e explorados legalmente por outros<sup>486</sup>. Entenda-se aqui, ricos como as pessoas e as classes dominantes que oprimem os pobres.

No Antigo Testamento eram os *anawins* em hebraico e quer dizer os encurvados pelo peso da carga da opressão<sup>487</sup> ao mesmo tempo em que confia somente no Deus libertador e não nos seres humanos nem nas riquezas. Veja-se a pregação do profeta Amós: “Vendem o justo por prata e o indigente por um par de sandálias. Esmagam sobre o pó da terra a cabeça dos fracos e tornam torto o caminho dos pobres” (Am 2, 6-7). Em Isaías, vê-se a denúncia e ameaça da parte divina para os que exploram os pobres promulgando leis exploradoras: “Ai dos que promulgam leis iníquas, os que elaboram rescritos de opressão para despossarem os fracos do seu direito e privar da sua justiça os pobres de meu

<sup>484</sup> JEREMIAS, J. *Teologia do Novo Testamento, op. cit.*, Apud: SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador, op. cit.*, p. 124

<sup>485</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador, op. cit.*, p. 128ss.

<sup>486</sup> Id. Opción por los pobres. Disponível em: <<http://www.servicioskoinonia.org/relat/251.htm>>. Acesso em: 07 mai. 2009.

<sup>487</sup> Id. *Jesus, o Libertador, op. cit.*, p. 127.

povo” (Is 10, 1). Também em Miqueias há uma dura denúncia contra os chefes e magistrados que exploram os pobres:

Ouvi, pois, chefes da casa de Jacó e magistrados da casa de Israel! Por acaso não cabe a vós conhecer o direito, a vós que odiais o bem e amais o mal [...]. Aqueles que comeram a carne de meu povo, arrancaram-lhe a pele, quebraram-lhe os ossos, cortaram-no como carne na panela e como vianda dentro do caldeirão (Mq 3, 1-3).

Para os profetas, cumprir a Aliança é também dar vida e fazer justiça aos marginalizados. Fazer a vida acontecer em todos os seus estados, em especial, a vida humana, dir-se-á, hoje. Para que essa vida seja preservada é necessário instaurar os valores de justiça, os quais não podem ser separados da experiência religiosa, principalmente, cultural. Entretanto, viver esses valores vale mais do que ofertar dízimos e holocaustos de animais:

Que me importam os vossos inúmeros sacrifícios? Diz Iahweh. Estou farto de holocaustos de carneiros e da gordura de bezerros cevados; do sangue de touros, de cordeiros e de bodes, não tenho prazer. Basta de trazer-me oferendas vãs: elas são para mim um incenso abominável. Lua nova, sábado e assembleia, não posso suportar iniquidade [...]. Lavai-vos, purificai-vos! Tirai de minha vista as vossas más ações! Cessai de praticar o mal, aprendei a fazer o bem! Buscai o direito, corrigi o opressor! Fazei justiça ao órfão, defendei a viúva (Is 1, 11-17).

No Novo Testamento são os *ptochós*, os agachados e encolhidos pelo peso da opressão econômica<sup>488</sup>, os humilhados, os carentes, os mendigos. A versão latina introduziu a palavra “*pauper*” com o sentido de empobrecido e injustiçado, o qual está aberto ou disponível para o Reino de Deus. J. Jeremias<sup>489</sup> faz um estudo bem acurado sobre quem eram os pobres e quais suas verdadeiras situações: econômicas, culturais, sociais e religiosas.

Na América Latina, os pobres são bem concretos e reais. Pode-se chamar de empobrecidos, pois foram feitos pobres – são os empobrecidos - por toda a colonização europeia. Puebla elenca as várias categorias de pobres:

<sup>488</sup> Ibid., p. 127.

<sup>489</sup> JEREMIAS, J. *Jerusalém no tempo de Jesus*, op. cit., p. 156-169. Ver também as profissões desprezíveis, muitas eram exercidas pelos pobres e que, geralmente, tornavam-nos pecadores por causa da profissão, p. 403-419.

Feições de crianças, golpeadas pela pobreza ainda antes de nascer, impedidas que estão de realizar-se, por causa de deficiências mentais e corporais irreparáveis, que as acompanharão por toda a vida; crianças abandonadas e muitas vezes exploradas de nossas cidades, resultado da pobreza e da desorganização moral da família; Feições de jovens, desorientados por não encontrarem seu lugar na sociedade e frustrados, sobretudo nas zonas rurais e urbanas marginalizadas, por falta de oportunidades de capacitação e de ocupação; Feições de indígenas e, com freqüência, também de afro-americanos, que, vivendo segregados e em situações desumanas, podem ser considerados como os mais pobres dentre os pobres; Feições de camponeses, que, como grupo social, vivem relegados em quase todo o nosso continente, sem terra, em situação de dependência interna e externa, submetidos a sistemas de comércio que os enganam e os exploram; Feições de operários, com freqüência mal remunerados, que têm dificuldade de se organizar e defender os próprios direitos; Feições de subempregados e desempregados, despedidos pelas duras exigências das crises econômicas e, muitas vezes, de modelos desenvolvimentistas que submetem os trabalhadores e suas famílias a frios cálculos econômicos; Feições de marginalizados e amontoados das nossas cidades, sofrendo o duplo impacto da carência dos bens materiais e da ostentação da riqueza de outros setores sociais; Feições de anciões cada dia mais numerosos, freqüentemente, postos à margem da sociedade do progresso, que prescindem das pessoas que não produzem<sup>490</sup>.

Nessas feições concretíssimas se veem misticamente a feição do Cristo sofredor (Mt 25, 31-46). Rostos formando uma antropologia preponderante no continente latino-americano. Uma antropologia do não-homem, mas repleta de esperança para construção de um novo homem latino-americano. Parte do “não-homem” para construir na esperança o homem novo latino-americano<sup>491</sup>. Jon Sobrino destaca várias categorias desses empobrecidos como os destinatários do Reinado de Deus. Ressalte-se que pobres na América Latina devem ser chamados de empobrecidos, porque foram feitos pobres durante a colonização<sup>492</sup>.

Conforme Jon Sobrino, esses pobres são, em primeiro lugar, “os materialmente pobres, quer dizer, os econômica e sociologicamente pobres, as grandes maiorias do Terceiro Mundo”, em segundo lugar, “os empobrecidos, os oprimidos pelo poder social e político”, em terceiro lugar, “são os que realizaram uma tomada de consciência sobre o fato mesmo da pobreza material, uma tomada de consciência individual e coletiva”, em quarto lugar, “os que transformaram essa tomada de consciência em organização popular e práxis” e em quinto lugar, “são os que vivem sua materialidade, sua tomada de consciência de sua prática

<sup>490</sup> Puebla, n. 32-39. Em Santo Domingo, n. 178 e recentemente em Aparecida, n. 65; 407-430

<sup>491</sup> FLORES, A. V. *Antropologia da Libertação Latino-americana*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 7ss.

<sup>492</sup> BOFF, L. *América Latina: da conquista à nova evangelização*. São Paulo: Ática, 1992, p. 51ss.

com espírito, com gratuidade, com esperança, com misericórdia, com fortaleza na perseguição, com amor e com maior amor de dar a vida pela libertação<sup>493</sup>”.

#### 5.4.1. Parcialidade de Deus na opção pelos pobres

Se a opção de Jesus tivesse sido pelos ricos, ele não teria salvado nem os ricos nem os pobres. Sua opção pelos pobres abriu novos horizontes para todos e para os ricos que quiserem se salvar. Este é um tema mais pertinente e conflituoso na cristologia de Jon Sobrino. A parcialidade de Deus transcendente que se faz imanente na história sendo solidário para com os pobres e, conseqüentemente, assumida por Jesus. O Deus de Israel é parcial com os escravos israelitas no Egito para libertá-los da escravidão quando afirma: “Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu clamor por causa dos seus opressores; pois conheço as suas angústias. Por isso, desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e vasta, “terra onde corre leite e mel” (Ex 3, 7-8). O Deus do êxodo é Aquele cuja ação toma partido do seu povo contra os opressores do Egito como no acontecimento das pragas (Ex 7-11). Diante da situação de extrema injustiça, opressão, morte legalizada, quando não havia nenhuma saída, quando a situação era irremediável, Deus desce para libertar o seu povo de forma parcial (Ex 3, 8).

Iahweh é o Deus da Aliança e se manifesta solidário com os oprimidos sendo seu defensor; muitas vezes o vingador dos pobres injustiçados, o Go’el<sup>494</sup>. A Teologia da Libertação desenvolveu de forma bem acurada essa reflexão bíblico-teológica sobre Javé como o vingador dos pobres injustiçados. Javé é um Deus libertador que fica do lado dos oprimidos contra os opressores<sup>495</sup>. Em muitos outros momentos da história da Aliança, Iahweh ficou do lado dos oprimidos como o defensor e vingador do seu povo como no caso de Judite (Jt 10-13).

Com Jesus, é mantida essa teologia da solidariedade com os pobres bem como sua parcialidade por eles manifestando-se claramente nele (Lc 6, 20-26). A ação de Jesus manifesta claramente sua parcialidade com os pobres. No âmbito

<sup>493</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, op. cit., p. 190ss. Veja-se também: BOFF, L. *O Caminhar da Igreja com os oprimidos*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 136-138.

<sup>494</sup> GUTIERREZ, G. *O Deus da vida*. São Paulo: Loyola, 1990, p. 45ss; BLANK, R. *Deus na história*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 140ss.

<sup>495</sup> BLANK, R. *Deus na história*, op. cit., p. 46ss.

doutrinário, as bem-aventuranças tanto em Mateus quanto em Lucas resumem essa parcialidade. De forma evidente, em Lucas, pois em Mateus até se discute a questão do termo “pobre em espírito” (Mt 5, 3), o qual pode ter sido usado no sentido moral e espiritualizante<sup>496</sup> daqueles que têm o espírito de Deus. Assim, percebe-se um distanciamento por parte de Mateus da longa tradição da revelação do Deus da Aliança, o qual está sempre parcialmente do lado dos pobres como sendo oprimidos e explorados pelos opressores<sup>497</sup>. Essa parcialidade de Jesus para com os pobres se dá por três grandes valores testamentários, os quais fazem parte da ação histórica de Deus. Como os empobrecidos não têm estes valores por que lhes foram tirados, a ação de Jesus é para que os tenham em plenitude.

O primeiro valor é a vida. Os pobres na história sempre foram aqueles para os quais suas vidas foram ceifadas lentamente pela fome, doenças, marginalização e trabalhos opressores. Em Israel, mesmo havendo a lei sagrada inibindo a posse de escravos (Dt 15, 4), sempre houve numerosa porcentagem de pobres oprimidos pelo sistema de produção e religioso<sup>498</sup>. O próprio Jesus era um pobre excluído, “não havia lugar para ele” (Lc 2, 7), pois nasceu excluído da sociedade e da religião bem como viveu em Nazaré, região desprezada onde não surgiam profetas (Jo 7, 52), viveu numa família humilde de um carpinteiro, causando espanto quando falava, pois a profissão de carpinteiro não falava sábia e corretamente: “Não é ele o filho do carpinteiro? Não se chama a mãe dele Maria e os seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas? E suas irmãs não vivem entre nós? De onde lhe vem essa Sabedoria?” (Mt 13, 54-55). Jesus é um marginalizado<sup>499</sup> pertencente à classe dos excluídos em Israel<sup>500</sup>.

O segundo valor da parcialidade de Jesus pelos pobres é a Justiça. Jesus afirma no evangelho de João: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Esta “Vida em plenitude” para Jesus só acontece quando os valores do Reinado de Deus estiverem acontecendo mediante a *Justiça Divina*: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de Justiça, porque serão saciados” (Mt 5, 6). As parábolas de Jesus falam dessa Justiça do Reinado de Deus, o qual é um

<sup>496</sup> BROWN, R. *Introdução ao Novo Testamento*, op. cit., p. 270. Veja-se também: SOBRINO, J. Opção pelos pobres e seguimento de Jesus. In: VIGIL, J. M. (Org.). *Opção pelos pobres hoje*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 37-54.

<sup>497</sup> BARBAGLIO, G. *Os Evangelhos*. V. 1. São Paulo: Loyola, 1990, p. 109-113.

<sup>498</sup> JEREMIAS, J. *Jerusalém no tempo de Jesus*, op. cit., p. 156-169.

<sup>499</sup> GONZÁLEZ FAUS, J. I. *La Humanidad Nueva*. Santander: Sal Terrae, 1984, p. 87s.

<sup>500</sup> ECHEGARAY, H. *A prática de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 112.

Dom divino, mas se precisa ter abertura para acolhê-lo ao mesmo tempo uma ação para fazê-lo acontecer na história. O Reinado de Deus não é para os que vivem na inércia, porém para aqueles que lutam por construí-lo ativamente. Deus só age mediante os seres humanos praticando o seu projeto<sup>501</sup>.

O terceiro valor do Reinado de Deus é a nova imagem de Deus-pai-misericordioso revelada por Jesus e pela qual dá a sua vida. *Misericórdia* com os oprimidos, marginalizados e pecadores que naquele momento em Israel eram os de classe menos favorecida como se vê na parábola do Filho Pródigo (Lc 15, 11-32) e do Bom Samaritano (Lc 10, 11-42). Sobrino faz um acurado estudo sobre o Deus-misericordioso na perspectiva latino-americana com o seu livro: “O princípio misericórdia: Descer da cruz os Povos crucificados”. Estes necessitam da misericórdia divina mediatizada pela ação evangelizadora da Igreja de Cristo<sup>502</sup>. Afirma veementemente a opção de Deus e Jesus pelos pobres de forma parcial para ser universal<sup>503</sup>. Não é partindo do universal que se chega ao parcial; ao contrário, parte-se do particular ao universal. Sobrino mostra que a opção pelos pobres na Igreja não é exclusivista. A opção pelos pobres é para defendê-los constituindo-os seres humanos com seus direitos e deveres. Com os ricos, a relação da Igreja deve ser convidá-los à conversão para deixarem de serem exploradores e serem solidários com os empobrecidos<sup>504</sup>. Adota-se aqui o termo pobre como um termo particular, mas em correlação com o universal. Pode-se afirmar acertadamente que empobrecido é feito pobre por não possuir todas as dimensões de um ser humano completo conforme João Batista Mondin: *homo somaticus, homo vivens, homo sapiens, homo volens, homo loquens, homo socialis, homo culturalis, homo faber, homo ludus e homo religiosus*<sup>505</sup>. Essas dimensões humanas lhes foram tiradas e, por isso, ele é a negação do ser<sup>506</sup>. Optar pelos empobrecidos é uma questão de direito e de justiça<sup>507</sup>. Fazer o direito do

<sup>501</sup> SEGUNDO, J. L. *O Homem de hoje diante de Jesus de Nazaré*. V. 2, 2. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 140ss.

<sup>502</sup> SOBRINO, J. *O princípio misericórdia*, *op. cit.*, p. 31-80.

<sup>503</sup> Id. Opção pelos pobres e seguimento de Jesus, *op. cit.*, p. 50s.

<sup>504</sup> Ibid., p. 52. Veja-se também uma ideia semelhante em se tratando da pastoral da classe média no contexto de libertação dos oprimidos: BOFF, C. *Pastoral de classe média na perspectiva da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 24ss.

<sup>505</sup> MONDIN, B. *O homem, quem é ele?* São Paulo: Paulus, 1980.

<sup>506</sup> ENRIQUE, D. *Método para uma filosofia da Libertação*. São Paulo: Loyola, 1986, p. 189ss. ZIMMERMANN, R. *América Latina : o não-ser*. Petrópolis: Vozes, 1987.

<sup>507</sup> VIGIL, J. M. A opção pelos pobres é uma opção pela justiça e não é preferencial. Disponível em: <<http://www.servicioskoinonia.org/relat/371p.htm>>. Acesso em: 01 jan. 2009.

pobre é praticar a justiça do Deus do Reino. O pobre concreto, particularizado, tem o direito de “ser em plenitude” sendo o ser em ato como o são todos os outros seres da terra<sup>508</sup>. Ele é, pois, um ser humano pertencente a um povo, a uma pátria, a um planeta chamado terra e ao universo<sup>509</sup>. Pobre, assim, é um conceito particularizado que se universaliza e não particular exclusivista. Portanto, optar pelo pobre é optar pelo universal. E não se pode pensar o inverso por que tirando a opção pelos pobres, tira-se a universalidade da opção.

No binômio relacional criação-salvação, a opção pelos pobres entra primordialmente na dimensão criatural<sup>510</sup> do projeto de Deus tanto da primeira Aliança como na segunda Aliança com a ação de Jesus<sup>511</sup>. É projeto da criação de Deus desde Abraão até o destino último com a plenitude do tempo (Gl 4, 4). Neste sentido, há de se compreender a criação como um processo dinâmico e evolutivo. Deus está constantemente criando e neste projeto entra a opção pelos pobres para que eles tenham o direito à vida em abundância e possam adquirir dignidade de ser humano, a qual lhe foi tirada por sistemas humanos injustos. Jesus faz sua ação redentora evangelizando os pobres (Lc 4, 18-19) – curando-os, libertando-os e “ressuscitando-os” – restaurando-lhes sua dignidade originária e ao mesmo tempo concedendo-lhes vida nova com essa dignidade restabelecida e assim possam ter vida em abundância e os confia aos cuidados de sua Igreja.

#### 5.4.2. Não-pobres participantes do Reino de Deus

Como os não-pobres podem participar do Reino? Será que os ricos não se salvarão? Se eles se salvarão como pode acontecer? As palavras dos profetas e a pregação de Jesus são realmente duras contra os ricos. Veja-se nas bem-aventuranças, versão lucana, os “ais” de Jesus contra os ricos (Lc 6, 24-26) e no sermão escatológico do escrito mateano (Mt 25, 31-46). Na parábola do homem rico e do pobre Lázaro (Lc 16, 19-31). Na parábola do jovem rico observante dos mandamentos (Lc 18, 18-27). Em nenhuma dessas situações apresenta os ricos

<sup>508</sup> SOBRINO, J. Opción por los pobres. Disponível em :<<http://www.servicioskoinonia.org/relat/251.htm>>. Acesso em: 05 nov. 2009.

<sup>509</sup> ALDUNATE, J. (Coord.) et al. *Direitos humanos, direitos dos pobres*. São Paulo: Vozes, 1991.

<sup>510</sup> SOBRINO, J. Opción por los pobres, *op. cit.*

<sup>511</sup> RUBIO, A. G. *Unidade na pluralidade, op. cit.*, p. 272.

entrando no Reino de Deus porque estão fechados em si, são amantes de suas riquezas e não se abrem nem a Deus nem ao seu próximo.

Todavia, Jesus afirma que a Deus nada é impossível (Lc 18, 27). E Lucas põe o caso de Zaqueu (Lc 19, 1-10), homem rico e chefe dos publicanos como paradigma do rico que se salva porque se abre à proposta resolvendo mudar de vida e ser solidário com os pobres (Lc 19, 8-10). As parábolas do Filho Pródigo e do Bom Samaritano se forem lidas com este prisma, podem ser compreendidas como dois homens ricos. Um homem jovem com sua farta herança recebida do pai gastou com prazeres mundanos chegando ao extremo da miséria e sofrimento humano, caiu em si e voltou para Deus (Lc 15, 17-20). O samaritano viandante ao encontrar um homem semimorto, cuidou dele levando-o para uma casa de cura e pagando todas as despesas é posto por Jesus como modelo da ação missionária dos seus seguidores e dos que pretendem entrar no Reino de Deus: “Vai, e também tu, faze o mesmo” (Lc 10, 29-37).

Este tipo de rico, o qual está aberto ao convite de Jesus para conversão e para a “solidariedade transformante” com o seu próximo e, por isso, não faz de sua riqueza o bem maior, mas a coloca em benefício da restauração da vida humana empobrecida, este sim, segundo Jesus entra no Reino de Deus<sup>512</sup>. Os outros tipos de ricos, anteriormente mostrados, nem a infinita misericórdia de Deus, salvar-los-á, por causa da “não-aceitação” da misericórdia por parte deles que não se salvarão. E não aceitar a misericórdia de Deus se constitui no pecado contra o Espírito Santo (Mt 12, 32).

A pessoa faz sua opção fundamental com seu “livre-arbítrio” por não aceitar a salvação gratuita de Deus que está oferecendo constantemente. Afirma constante e livremente com seu contra-testemunho de vida não aceitar a salvação. Porque aceitar a misericórdia divina, necessariamente, leva a uma metanoia imediata. Misericórdia não é outra coisa senão o amor (gratuito) de Deus que se apossa do ser humano quando este aceita para transformá-lo, transfigurá-lo e uni-lo fazendo-o participante daquela realidade sempre maior, a vida divina<sup>513</sup>.

E assim, uma pessoa envolvida pela misericórdia divina também se transformará, imediatamente, em um ser de misericórdia para com os seus

<sup>512</sup> RUBIO, A. G. *Encontro com Jesus Cristo vivo, op. cit.*, p. 61ss.

<sup>513</sup> TILLICH, P. *Teologia sistemática, op. cit.*, p. 407ss.

semelhantes. A misericórdia de Deus é como o fogo inextinguível que purifica e transforma toda a realidade. Este fogo é o símbolo do amor misericordioso de Deus para os místicos. Basta observar Santa Terezinha quando fala da misericórdia divina como o próprio amor de Deus ao abaixar-se numa criança (Jesus) transfigura metamorfoseando o ser humano decaído. Afirma Terezinha: “Ao descer assim, Deus mostra sua grandeza infinita<sup>514</sup>”.

## 5.5. Via da prática do Reino em Jesus

Diversas atividades de Jesus compõem o quadro da sua prática<sup>515</sup>. Esta já é sinal e presença do Reino. A primeira são os milagres quando Jesus sempre reconduz o agraciado para ser seu seguidor (Mt 9, 31). A segunda é a expulsão dos demônios pelo seu poder libertando as pessoas de todos os males curando-as e restabelecendo-as ao convívio social (Mc 5, 19-20). A terceira é a acolhida aos pecadores perdoando-lhe e reintroduzindo na comunidade e constituindo-lhe missionário (Mc 2, 15ss). Quarta prática é a parte doutrinária sobre o Reino feita através das parábolas e, por fim, a dimensão celebrativa das refeições partilhadas na mesa comum, o pão simbólico compartilhado da última ceia e os gestos de serviços como o lava-pés (Jo 13) e do perdão dos pecados.

### 5.5.1. Milagres como sinais do Reino

Os milagres de Jesus se constituem como sinais e remetem necessariamente para o Reinado de Deus. A ação de Jesus se distancia dos curandeiros – muito comuns naquela época –, pois Ele cura os doentes e marginalizados, torna-os seus discípulos e faz deles missionários do Reino de Deus<sup>516</sup>. Os milagres são, por assim dizer, a presença já antecipada do Reinado de Deus para se projetar à plenitude. Neste sentido, o milagre é – além de uma cura restabelecendo a saúde seja mental, corporal ou espiritual de uma pessoa – já a presença do Reino na história das pessoas<sup>517</sup>. No milagre há um clamor de quem sofre pedindo solução e há uma resposta de compaixão da parte de Jesus quando

<sup>514</sup> SANTA TEREZINHA. *Historia de uma alma*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 49.

<sup>515</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, op. cit., p. 297s.

<sup>516</sup> Ibid., p. 135.

<sup>517</sup> Ibid., p. 136.

cura. Por isso, os milagres são ações eminentemente proféticas, pois manifestam clamores.

Portanto, os milagres podem assegurar sua dimensão de denúncia do mal contra o povo e, ao mesmo tempo, é Boa-notícia porque revelam a ação de Jesus como testemunho e anúncio de Reinado de Deus na história. Eles mostram assim a ação salvífica, poderosa de um Deus libertador, gerando fé, esperança, alegria, paz e ação missionária<sup>518</sup>.

### 5.5.2. Enfrentamento de Jesus aos demônios do anti-reino

Jesus se defronta com o demônio nas pessoas (Mc 1, 21-28) ou com eles mesmos (Mc 5, 1-20). E estão sempre nas pessoas sofridas. Jesus expulsa os demônios com uma autoridade suprema (Mc 1, 25) e os demônios sabem não só quem é Jesus, mas que sua ação é de aniquilá-los (Mc 1, 24).

Não vem ao mérito aqui interpretar o que vem a ser esses demônios, mas apenas compreendê-los como fazendo parte do “mistério” do maligno ou do mal, o qual se pode mostrar como uma realidade anti-reino: o mal<sup>519</sup>. O Reino brota para aniquilar o anti-reino, porém, há de se convir: a presença do mal continua na história como Jesus expressa na parábola do semeador (Mc 4, 1-20). Haverá a convivência dos valores (bens) do Reino com os contravalores (males) do anti-reino até o fim; contudo, os valores do Reino vão vencer<sup>520</sup>.

Assim, pode-se concluir que Jesus não é nem exorcista nem taumaturgo, mas ele começa aniquilando o maligno. Vide o Evangelho de Marcos (Mc 1-7) em que há um duelo constante entre o Reino e o anti-reino com superação deste e instauração daquele<sup>521</sup>.

### 5.5.3. Acolhida aos pecadores em processo de conversão

Jesus acolhe e perdoa gratuitamente os pecadores por misericórdia (Lc 7, 36-50). À acolhida e perdão pode-se conectar as multidões – e também pessoas

---

<sup>518</sup> Ibid., p. 137.

<sup>519</sup> Ibid., p. 144.

<sup>520</sup> Ibid., p. 144.

<sup>521</sup> Ibid., p. 1446s.

individuais – a ação solidária gratuita de Jesus como compaixão divina pelos que sofrem (Mc 6, 34; Mt 15, 32).

Com esta acolhida solidária, gratuita, Jesus liberta a pessoas de si, de suas amarras e das marginalizações culturais e sociais. Cura salvando historicamente, acolhendo e reintroduzindo na comunidade da Nova Aliança (Jr 31, 31). Ele come, fala, hospeda-se com os pecadores<sup>522</sup>. Essa acolhida é uma libertação histórica para todos. Os que estão abertos – sejam ricos ou pobres – para receber sua mensagem salvadora. Os ricos devem deixar de oprimir e explorar como Zaqueu (Lc 19, 1-10) e os pobres devem aceitar e corrigir a falsa imagem de Deus introjetada por seus opressores religiosos<sup>523</sup>. Neste sentido, acontecem os enfrentamentos de Jesus com os poderes políticos e religiosos. São os adversários de Jesus, os quais, mesmo sendo inimigos fazem conspiração para matar Jesus (Mt 12, 14). Entretanto, Jesus manifesta o amor divino na sua ação quando não somente acolhe bem como perdoa com a afirmação “tua fé te salvou” (Lc 7, 50).

Assim, Deus salva perdoadando e acolhendo a partir do interior da pessoa. O Reino é um poder re-criador, porém, nunca de forma mágica. A instauração do Reino é pela pessoa de Jesus, mas exige, necessariamente, a acolhida pela fé por parte dos seus interlocutores, ao mesmo tempo, uma vivência testemunhal, por isso, afirma-se ser o Reino de Deus: “dom, graça e tarefa, missão<sup>524</sup>”, onde a comunidade cristã é “artesanã<sup>525</sup>”.

#### 5.5.4. As parábolas de Jesus

Sabe-se que o gênero literário das parábolas não é especificamente de Jesus nem da cultura semita. Outras culturas utilizam parábolas como os indianos. Parábolas estão no cerne de todas as culturas para façam parte de todo arsenal doutrinário.

Jesus para falar do Reino conta parábolas dependendo da situação e da realidade geográfica<sup>526</sup>. Vê-se nas parábolas relatos interpelantes e polêmicos

<sup>522</sup> Ibid., p. 147s.

<sup>523</sup> Ibid., p. 150.

<sup>524</sup> BINGEMER, M. C. L *Jesus Cristo: Servo de Deus e messias glorioso*. São Paulo: Paulinas; Valência-ESp: Siquém, 2008, p. 61.

<sup>525</sup> Ibid., p. 63.

<sup>526</sup> JEREMIAS, J. *As parábolas de Jesus*. São Paulo: Paulus, 1986, p. 19-113.

acerca do Reino de Deus. Jesus aproveita este gênero literário para revelar a ideia do Reino de Deus no sentido ético-moral e escatológico além do caráter profético de denúncia e anúncio do Reino. Elas têm um poder desideologizador do anti-reino, o qual está entranhado nas pessoas e no povo com todas as suas dimensões culturais-religiosas, ao mesmo tempo, um poder conscientizador dos valores do Reino<sup>527</sup>. Elas insistem centralmente na defesa de que o Reino é para os pobres e para quem se solidariza em comunhão com eles<sup>528</sup>.

Note-se bem Jesus asseverando: “em verdade vos digo: os publicanos e as prostitutas vos precederão no Reino de Deus” (Mt 21, 31). Isto porque eles não só creram em Jesus como estavam abertos à conversão e à prática do amor. É o caso da pecadora ser perdoada porque muito amou (Lc 7, 47a). Jesus diz ousadamente ao fariseu que o convidou à mesa: “Por essa razão, eu te digo, seus numerosos pecados lhe são perdoados, porque ela demonstrou muito amor. Mas aquele a quem pouco foi perdoado mostra pouco amor” (Lc 7, 47). Ao mesmo tempo, as parábolas manifestam as dimensões da ideia do Deus de Jesus como a do Pai misericordioso recolhendo seu Filho Pródigo. Este Deus-misericórdia manifesta-se com uma ação materna (Lc 15, 11-32) e, simultaneamente, pleno de justiça como na parábola do Bom Samaritano (Lc 10, 29-37).

Destarte, as parábolas atravessam a história com sua força libertadora podendo ser sempre contextualizada espacial e temporalmente, humana e historicamente. Elas expressam o conteúdo salvífico da mensagem de Jesus para com todos a começar pelos empobrecidos como estas duas supracitadas.

## 5.6. Reino de Deus na Cristologia da América Latina

Pensar o Reino de Deus na Cristologia da América Latina requer que se faça a partir da realidade de um continente, historicamente, permeado por injustiças estruturais como constatou a assembleia dos bispos católicos em Medellín<sup>529</sup>. Instaurá-lo é encarnar os valores do evangelho neste mundo, denunciando seus contravalores e anunciando seus valores. Por isso, a reflexão deve começar com a dicotomia entre Reino e anti-reino ao mesmo tempo

<sup>527</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, op. cit., p. 152.

<sup>528</sup> Ibid., p. 154ss.

<sup>529</sup> Documentos do CELAM: Medellín, 2: Sobre a PAZ.

desmascarando a idolatria do anti-reino para se poder ser proativo na implantação do seu conteúdo. Devem estar presente as dimensões imanentes e transcendentais bem como a histórica e além da história do Reino.

Jon Sobrino enfrenta essa reflexão com muita segurança bíblico-teológica. O Reino traz a salvação, antes de tudo, a uma realidade histórica dentro de uma história cheia de males. Prefere defini-los como “bens do Reino” e “males históricos” contrários ao Reino<sup>530</sup>. Citando Ignacio Ellacuría, afirma Jon Sobrino, serem esses “bens do Reino”, a salvação para os seres humanos oprimidos, pessoas concretas. Esses bens de salvação não são *a priori*, mas sempre a salvação é “de” alguém, e nesse alguém, “de” algo, portanto, essa salvação que o Reino traz é histórica<sup>531</sup>. Sem desprezar a linguagem de Sobrino, convém usar também, ao invés de “bens” do Reino e “males” históricos do anti-reino, o conceito de “valores” do Reino de Deus e “contravalores” do anti-reino.

Sendo histórica a salvação, há uma conflitividade<sup>532</sup> entre os valores do Reino de Deus pregado por Jesus e os contravalores mundanos existentes. Os bens do Reino libertam as pessoas em todas as dimensões e projetando-as para um “novo éon futuro” já iminente e a um só mesmo tempo exige uma *metanóia* dos que vivem imersos e corporificam os contravalores mundanos em suas próprias vidas. Jesus teve um enfrentamento acirrado num debate teológico e prático do início ao fim de sua vida pública com a religião oficial de Israel e com a estrutura política de dominação<sup>533</sup>.

Jon Sobrino chega a afirmar uma relação duelística entre os valores do Reino e os contravalores do anti-reino. Afirma que os “dois não só são excludentes, mas um age contra o outro<sup>534</sup>”. É sem dúvida uma afirmação corajosa, sobretudo quando ele afirma que na América Latina o “Reino não é constituído a partir de uma *tabula rasa*, mas contra o anti-reino<sup>535</sup>”. Quem trabalha na seara do Reino sofre perseguições e martírios por causa dos valores do

<sup>530</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, op. cit., p. 188.

<sup>531</sup> Ibid., p. 188.

<sup>532</sup> Ibid., p. 188.

<sup>533</sup> SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*. São Paulo: Paulus, 2008, p. 268ss. A morte de Jesus seria uma história de contraste tanto em Israel – problema mais religioso quando enfrenta corajosamente o desvirtuamento da “Lei e do Templo” – quanto pela dominação do império romano, por Jesus se declarar Rei, algo perigoso para Roma imperial.

<sup>534</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, op. cit., p. 188.

<sup>535</sup> Ibid., p. 188.

Reino<sup>536</sup>. Enquanto os mediadores do Reino lutam com as armas da verdade, da justiça, da não-violência, da palavra para converter mediante a persuasão e atração pelo testemunho de vida, os mediadores do anti-reino usam de violência, perseguição, mortes, terrorismos e fundamentalismos contra os mediadores do Reino de Deus, os quais muitos são martirizados<sup>537</sup>.

Portanto, Reino de Deus é um dom divino, porém, é necessário ser conquistado pela abertura e acolhida dos seres humanos – homens e mulheres –os quais devem assumir os seus valores e, simultaneamente, enfrentar corajosamente os contravalores do anti-reino, para fazer acontecer a vitória do Jesus ressuscitado já presente na história por que Ele venceu a morte.

### 5.6.1. Desmascaramento da Idolatria

Para desmascarar a idolatria é necessário assegurar-se com a profissão de Fé judaica: “Ouve, ó Israel: Iahweh nosso Deus é o único Iahweh! Portanto, amarás a Iahweh teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua força (Dt 6, 4-5)<sup>538</sup>. Jesus se defrontou com muitos grupos religiosos na sua época. Num encontro com os fariseus, logo após vencer um debate com os saduceus sobre a ressurreição dos mortos, um deles para colocar Jesus à prova e condená-lo, perguntou-lhe: “Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?” Ele respondeu: “Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Esse é o maior e o primeiro mandamento. O segundo é semelhante a esse: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Desses dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas” (Mt 22, 36-40).

A Teologia da Libertação desde seus albores denunciou haver uma grande causa da opressão na América Latina: a idolatria por parte dos opressores. Assim como aconteceu a um grupo de hebreus – chamado grupo de Moisés<sup>539</sup> – oprimido no Egito, vítima dos faraós e seus sistemas religiosos com seus ídolos mantendo-

<sup>536</sup> Id. Os mártires: Interpelação à Igreja. *Concilium: Revista Internacional de Teologia*. Petrópolis: Vozes, n. 299, p. 142-152, 2003.

<sup>537</sup> Id. *Jesus, o Libertador*, op. cit., p. 190.

<sup>538</sup> Id. Ateísmo e idolatria. In: SOARES, A. M. L. (Org.). *Juan Luís Segundo: uma teologia com sabor de vida*. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 66-76.

<sup>539</sup> GOTTWALD, N. K. *As tribos de Iahweh*. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 51ss. Veja-se também: SCHWANTES, M. *História de Israel*. [s. l.], Editora Com Deus, [s. d.], p. 93.

os na escravidão por um longo tempo<sup>540</sup>. Ainda mais na América Latina com um agravante absurdo, pois a idolatria é praticada pelos colonizadores durante os quinhentos anos, embora se digam cristãos católicos.

Hoje, com o progresso das sociedades latino-americanas e com o neocapitalismo globalizado, a idolatria continua de forma sofisticada. Se para a Teologia moderna crítica europeia o problema é o ateísmo, para a Teologia da Libertação Latino-americana o grande problema é a idolatria<sup>541</sup>. Os teólogos da libertação<sup>542</sup> se defrontam com esta situação de idolatria dentro da perspectiva do Reinado de Deus pregado por Jesus e continuado por sua Igreja na ação missionária. Jon Sobrino se fundamenta acertadamente ao denunciar os ídolos quando cita Puebla:

Realidades históricas que se colocam contra o verdadeiro Deus. A análise *teórica* que faz Puebla contenta-se com a afirmação (transcendental) de que qualquer realidade criada pode converter-se em ídolo. Porém, em sua análise *histórica*, os nomeia: ‘a riqueza, o poder, o Estado, o sexo, o prazer ou qualquer criação de Deus, inclusive seu próprio ser ou razão humana’. E também os hierarquiza, pois os ídolos que mais analisa em seguida são o da riqueza (Puebla, 493-497) e do poder político (Puebla, 498-506)<sup>543</sup>.

Acostuma-se a compreender idolatria num aspecto puramente cultural como pregam as “igrejas” pentecostais sobre as imagens dos santos na Igreja Católica. Uma leitura mais crítica da questão das imagens faz ver, atualmente, a idolatria não como uma devoção cultural das imagens dos santos, mas se afirma pondo uma realidade criada, relativa e finita como realidade absoluta colocando-a como sua opção fundamental de vida e sua realidade última. Jon Sobrino afirma sero ser humano capaz de absolutizar o relativo provocando uma desumanização,

<sup>540</sup> PIXLEY, G. V. *Êxodo*. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 15ss. Veja-se também: CROATTO, J. S. *Historia de la Salvación*. 7. ed. Santiago de Chile: San Pablo, 1995, p. 41ss. O povo viveu como escravo no Egito no período de 1600-1200, a. C., aproximadamente.

<sup>541</sup> SOBRINO, J. Ateísmo e idolatria. In: SOARES, A. S. L. *Juan Luis Segundo, op cit.*, p. 66-76.

<sup>542</sup> RICHARD, P. et al. *A luta dos deuses: os ídolos da opressão e a busca do Deus Libertador*. São Paulo: Paulinas, 1985. Há uma vasta bibliografia sobre o assunto: GUTIERREZ, G. *O Deus da Vida*. São Paulo: Loyola, 1990. SEGUNDO, J. L. *A nossa ideia de Deus*. São Paulo: Loyola, 1976; ASSMANN, H.; HINLELAMMERT, F. J. *A idolatria do mercado*. Petrópolis: Vozes, 1989; MO SUNG, J. *A idolatria do capital e a morte dos pobres*. São Paulo: Paulinas, 1989; FERRARO, B. *Cristologia em tempos de ídolos e sacrifícios*. São Paulo: Paulinas, 1993. BLANK, R. *Deus na História*. São Paulo: Paulinas, 2005.

<sup>543</sup> SOBRINO, J. Ateísmo e idolatria, *op. cit.*, p. 69

vítimas<sup>544</sup>. Assim, há uma absolutização dos bens relativos e, ao mesmo tempo, uma hierarquização entre os ídolos, a absolutização da riqueza e do poder, os quais, conforme concepção de Medellín, constituem-se em “violência institucionalizada<sup>545</sup>”. Esses ídolos querem ser legitimados, mantidos e adorados como os deuses míticos da antiguidade. Eles se historicizam mediante suas ideologias e criam vítimas inocentes quais sejam um imenso mundo de empobrecidos e oprimidos, sujeitos à morte lenta da miséria extrema e à morte pela repressão. Para os ídolos sobreviverem precisam sacrificar suas vítimas<sup>546</sup>. Jon Sobrino define teologicamente o que vem a ser idolatria no mundo atual:

Em primeiro lugar, os ídolos não são coisa do passado, nem realidades que só aparecem no âmbito religioso, mas, ao contrário, realmente existem na atualidade, são realidades históricas que configuram a sociedade, determinam a vida e a morte das maiorias. Em segundo lugar, essas realidades são denominadas ídolos em sentido estrito porque se apresentam com as características da divindade: ultimacidade (não se pode ir além delas), autojustificação (não necessitam justificar-se a si mesmas diante dos seres humanos), intocabilidade (não podem ser questionadas e quem o fizer será destruído). Em terceiro lugar, o ídolo por antonomásia, que dá origem a todos os demais, é a configuração injusta da sociedade, estrutural e duradouramente, a serviço do qual estão muitas outras realidades: poder militar, político, patriarcal, cultural, étnico, judicial, intelectual e, também com frequência, religioso, que participam analogamente da realidade do ídolo. Em quarto lugar, esses ídolos exigem um culto (as práticas cruéis do capitalismo e dos passados socialismos reais), exigem também uma ortodoxia (a ideologia acompanhante) e prometem salvação a seus adoradores (torná-los semelhantes aos ricos e poderosos do primeiro mundo); porém acabam por desumanizá-los, “deslatinamericanizá-los” e desfraternizá-los. Por último, e o que é decisivo, esses ídolos, mediante seus adoradores, produzem milhões de vítimas inocentes, e a elas enviam a morte lenta da fome, da indignidade e da insignificância, além da morte violenta da repressão<sup>547</sup>.

Vê-se claramente sua atualidade na América Latina. Um continente quase na sua totalidade de “crentes” em Jesus, não obstante, dentro desses “crentes” há injustiças extremas deixando a maioria das pessoas vítimas sacrificadas pelos sistemas econômicos e políticos dos colonizadores de ontem e da globalização mercadológica de hoje<sup>548</sup>. São povos, etnias, sociedades e culturas como

<sup>544</sup> Ibid., p. 69.

<sup>545</sup> Documentos do CELAM: Medellín, n. 2, subitem 16: Sobre a Paz.

<sup>546</sup> SOBRINO, J. Ateísmo e idolatria, *op. cit.*, p. 70. Veja-se também a abordagem feita por HINKELAMMERT, F. J. *Sacrifícios humanos e sociedade ocidental: LÚCIFER E A BESTA*. São Paulo: Paulus, 1995, além dos outros supracitados.

<sup>547</sup> Ibid., p. 71.

<sup>548</sup> ASSMANN, H.; HINKELAMMERT, F. *A idolatria do mercado*. Petrópolis: Vozes, 1989, principalmente os capítulos: III e IV.

aconteceu durante esses cinco séculos de colonização<sup>549</sup>. Na pregação do Reino de Deus, observa-se um embate patente, às vezes sutil, latente ao ponto de nem todos perceberem e muitos serem enganados. Esse conflito acontece entre os valores Deus da Vida<sup>550</sup> e os anti-valores idolátricos da morte<sup>551</sup>.

Jon Sobrino contempla um tempo e uma realidade setorial de um país como lugar teológico<sup>552</sup>. A realidade se complexifica quando os antivalores idolátricos são mediados por fundamentalistas “crentes” como as seitas e muitas “igrejas” pentecostais, propagando-os ideologicamente mediante “manipulação das mentes humanas<sup>553</sup>”.

### 5.6.2. Realidade histórica do Reino de Deus

O pressuposto fundamental para compreender a realidade histórica do Reino de Deus é a Teologia da Aliança. No Primeiro Testamento, Deus se revela na história do Povo oprimido<sup>554</sup>. E é importante notar que não há duas histórias, uma profana e outra sagrada, mas uma única na qual Deus atua de forma dinâmica, mostrando-se como um Deus ético e libertador<sup>555</sup> e nunca como o Deus ontológico dos filósofos gregos ou de outras tradições<sup>556</sup>. E o que é a Bíblia senão a caminhada histórica do povo fazendo alianças históricas com Iahweh Deus:

Meu pai era um arameu errante: ele desceu ao Egito e ali residiu com poucas pessoas; depois se tornou uma nação grande, forte e numerosa. Os egípcios, porém nos maltrataram e nos humilharam, impondo-nos uma dura escravidão. Gritamos então a Iahweh, Deus dos nossos pais, e Iahweh ouviu a nossa voz: viu a nossa miséria, nosso sofrimento e nossa opressão. E Iahweh nos fez sair do Egito com mão forte e braço estendido, em meio a grande terror, com sinais e prodígios, e nos trouxe a este lugar, dando-nos esta terra, uma terra onde mana leite e mel. E agora, eis que trago as primícias dos frutos do solo que tu me deste, Iahweh (Dt 26, 5b-10a).

<sup>549</sup> BOFF, L. *Nova evangelização: Perspectiva dos oprimidos*. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 26ss.

<sup>550</sup> GUTIÉRREZ, G. *O Deus da vida*. São Paulo: Loyola, 1990, p. 25ss.

<sup>551</sup> SOBRINO, J. Aparecimento do Deus da vida em Jesus de Nazaré. In: RICHARD, P.; et al. *A luta dos deuses*. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 93-142.

<sup>552</sup> Id. Ateísmo e idolatria, *op. cit.* Tudo indica que o artigo foi escrito na década de 90.

<sup>553</sup> CARVALHO, O. *O jardim das aflições*. São Paulo: É realizações, 2000, Livro II, capítulos II-V. Várias citações assegurando sua afirmação sobre as técnicas de manipulação da mentes humanas através da hipnose coletiva.

<sup>554</sup> GUTIÉRREZ, G. *A força histórica dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1984, p. 17ss.

<sup>555</sup> GOTAY, S. S. *O pensamento cristão revolucionário na América Latina e no Caribe*. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 85ss.

<sup>556</sup> GUTIÉRREZ, G. *O Deus da vida, op. cit.*, p. 14.

Essa profissão de fé inclui vários elementos da história da migração dos antepassados, da escravidão e do clamor do povo de Deus no Egito e da intervenção de Iahweh Deus na história dos crentes para libertá-lo e fazer uma Aliança histórica<sup>557</sup>. No Segundo Testamento, a carta aos hebreus faz um longo relato das etapas da fé histórica do povo de Deus até chegar a Jesus. De uma forma mais pormenorizada o autor da Carta aos Hebreus, além de tentar definir a fé judaico-cristã, descreve-a como uma memória histórica:

A fé é uma posse antecipada do que se espera, um meio de demonstrar as realidades que não se veem. Foi por ela que os antigos deram o seu testemunho. Foi pela fé que compreendemos que os mundos foram organizados por uma palavra de Deus. Por isso, é que o mundo visível não tem a sua origem em coisas manifestas. Foi pela fé que Abel ofereceu a Deus [...]. Foi pela fé que Abraão, respondendo ao chamado, obedeceu e partiu para uma terra que devia receber como herança, e partiu sem saber para onde ia. Foi pela fé que deixou o Egito, sem temer o furor do rei, e resistiu, como se visse o Invisível. Foi pela fé que celebrou a Páscoa, [...]. (Hb 11, 1-31).

Ao se observar essa realidade descrita tanto pelo Deuteronômio quanto da carta aos hebreus, percebe-se logo a dimensão histórica da fé. A história não só é lugar da ação de Deus com seu povo e vice-versa; a própria ação de Deus com seu povo é a história. Na concepção de Gustavo Gutiérrez, não há duas histórias, uma profana e outra sagrada em Israel. Há uma única história, a da Aliança de Deus com seu povo<sup>558</sup>. Por isso, os autores bíblicos apresentam a história de Israel como a história de uma aliança de Iahweh Deus com seu povo, e embora o povo não cumprisse fielmente sua parte, Deus sempre refazia a mesma Aliança porque se revelava um Deus-amor, justo e misericordioso perdoando e recomeçando sempre<sup>559</sup>. Por isso, para os cristãos há essas sucessivas etapas da história da Aliança de Deus com seu povo até chegar à “plenitude do tempo”: “Quando, porém, chegou à plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho, nascido de mulher,

<sup>557</sup> Id. *A força histórica dos pobres*, op. cit., p. 19ss.

<sup>558</sup> Id. *A força histórica dos pobres*, op. cit., p. 20. Veja-se também um trabalho bem acurado: GOTAY, S. S. *O pensamento cristão revolucionário na América Latina e no Caribe*. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 85-122.

<sup>559</sup> Ibid., p. 22ss.

nascido sob a Lei, para resgatar os que estavam sob a Lei, a fim de que recebêssemos a adoção filial” (Gl 4, 4-5).

Quando se adota essa consciência histórica e teológica de que Iahweh fez uma Aliança com seu povo, a qual foi refeita durante vários períodos históricos chega-se à plenitude da revelação em Cristo<sup>560</sup>. É uma única história, na qual, pode-se perceber que Jesus, o Cristo é o centro<sup>561</sup> tanto da história da Aliança como do tempo por se tratar da encarnação do “*logos*” (Jo 1, 14). Esta teologia cristocêntrica da história da Aliança – pode-se chamar da Salvação numa perspectiva a partir do evento Jesus, crucificado e ressuscitado – está nos escritos paulinos, joaninos e apocalípticos de forma patente. Esses escritos de duas décadas após a experiência de morte e ressurreição de Jesus trazem claramente a pré-existência de Jesus, principalmente a Carta aos Filipenses: “Ele tinha a condição divina, e não se considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegar ciosamente.” (Fl 2, 6-11) e sua ação de criar, salvar e dar sentido último e eterno a toda a criação: “Ele é a Imagem do Deus invisível, o primogênito de toda criatura, porque nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis: [...], tudo foi criado por ele e para ele. Ele é antes de tudo e tudo nele subsiste” (Col 1, 15-20).

Nos escritos joaninos emergem como luz central tanto a cristologia da encarnação: “E o verbo se fez carne e habitou entre nós; e nós vimos a sua glória, glória que ele tem junto ao Pai como Filho único, cheio de graça e de verdade” (Jo 1, 14), como a cristologia soteriológica missionária do Pai que envia seu Filho para salvar a humanidade porque o Pai é amor: “Pois, Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3, 16). No apocalipse, essa dimensão linear da história se torna mais visível ao mesmo tempo em que põe Jesus, o Cristo, como o centro da história. De Jesus provém toda a criação e para o qual convergem todas as realidades redimidas por ele e nele têm seu sentido último: “Eu sou o Alfa e o Ômega, o Todo-poderoso” (Ap 1, 8; 4, 11; 5,9-13).

<sup>560</sup> Ibid., p. 26ss. O fato de haver as nomenclaturas: novo e antigo testamentos é uma questão “pedagógica e também política” da Igreja quando dividiu o cânon sagrado, pois mesmo havendo uma descontinuidade como a ressurreição de Jesus, não dá para estabelecer um corte de tal envergadura, pois essa ressurreição, não é outra coisa senão a ação aprovativa de Deus ao seu Filho Jesus.

<sup>561</sup> CULLMANN, O. *Cristo e tempo*. São Paulo: Custom, 2003, p. 121ss.

Pode-se observar que a história não é tão linear como a compreendiam os judeus nem tão cíclica como os gregos a entendiam. Há momentos de interação entre os esquemas linear e cíclico. Hoje, percebe-se, acertadamente, ser história mais do que uma interação entre os modelos. A história se apresenta com uma complexidade sistêmica num jogo progressivo onde se misturam as realidades dos tempos interdependentes: passado, presente e futuro numa dicotomia entre caos e projeção organização<sup>562</sup>. A história não é tão simples ao ponto de se possa conhecê-la ao todo nas dimensões tripartidas do tempo nem tão obscura que não se possam desvendar seus “mistérios” nem fazer previsões. Indubitavelmente, a história é complexa porque é a vida e a história da humanidade de todos os tempos. Sabe-se que o conjuntural é resultado do estrutural sistêmico, contudo, mesmo as previsões e as análises conjunturais têm trazido surpresas para muitos até de larga consciência crítica<sup>563</sup>.

Quando Jon Sobrino reflete sobre a historicidade do Reino de Deus<sup>564</sup> o faz citando Juan Luis Segundo, o qual não vê outras mediações a não ser o político relacionado com religioso<sup>565</sup>. Essa dimensão política é fundamental para compreender o Reino como atuação de Deus mediante ação dos seres humanos fazendo história. Afirma Jon Sobrino:

Como a história mostra abundantemente, o religioso costuma ser motivação poderosa para o político e o verdadeiramente religioso do Reino de Deus não faz mais do que reforçar sua dimensão política, pois conceitos como o do reino “são tanto mais decisivos politicamente quanto mais são empurrados, digamos sim, por motivações religiosas<sup>566</sup>”. Isto é de tal maneira assim que é preciso ter extremo cuidado com o fanatismo político motivado por uma mensagem religiosa<sup>567</sup>.

Mesmo adotando a reflexão de Gustavo Gutiérrez quando afirma que a “partir do iluminismo, a ordem política aparece como uma ordem de liberdade. As estruturas políticas já não são dadas previamente à liberdade do ser humano, mas

<sup>562</sup> MORIN, E. *Para sair do século XX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 307-346.

<sup>563</sup> *Ibid.*, p. 310.

<sup>564</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, *op. cit.*, p. 193.

<sup>565</sup> SEGUNDO, J. L. *O homem de hoje diante de Jesus de Nazaré*. V. 2,1. História e atualidade: Sinóticos e Paulo. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 107-129. Veja-se também GUTIÉRREZ, G. *Teologia da Libertação*. São Paulo: Vozes, 2000, p. 267-306.

<sup>566</sup> Esta citação é de Juan Luis Segundo, a qual está inserida no texto de Sobrino. Veja-se: SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, *op. cit.*, p.194.

<sup>567</sup> *Ibid.*, p.194.

são realidades baseadas na história, assumidas e modificadas por ele. A história política é, doravante, a história da liberdade<sup>568</sup>”. Apesar disso, a dimensão religiosa não pode ser desvinculada da dimensão política e se alguém as separa incorrerá de qualquer forma num tipo de política seja conservadora do *status quo* ou progressista com uma práxis humanitária, pois não há neutralidade dessas dimensões na história de um povo<sup>569</sup>. Hoje as realidades estão tecidas em sistemas de interrelações globais. Ao mesmo tempo, verificam-se independências das esferas políticas e religiosas pelas “autonomias” das liberdades. São interdependentes via sistemas internacionais, os quais requerem colaboração de todos mediante a ação solidária universal como assevera o Papa na *Sollicitudo rei socialis* (SRS, n. 45).

### 5.6.3. O Povo de Deus são os pobres

A afirmação “Povo de Deus são os pobres” parte da asserção segundo a qual o “Povo de Deus é um povo pobre” como assegura o eclesiólogo José Comblin no seu livro “O Povo de Deus<sup>570</sup>”. Possui um “sentido magisterial” a partir do pronunciamento do Papa João XXIII constatando afirmativamente que “para os países subdesenvolvidos a Igreja apresenta-se como é e como quer ser, como Igreja de todos, e em particular como Igreja dos pobres<sup>571</sup>”. O Vaticano II assegura na *Lumen Gentium*: “a Igreja é Povo de Deus<sup>572</sup>”. Com isso se possibilitou toda a mudança eclesiológica tanto dentro como fora da Igreja.

O caráter “popular<sup>573</sup>” do Reino de Deus, conforme Jon Sobrino, é tanto qualitativo porque as maiorias pobres formam o povo de Deus como quantitativo haja vista dentre esse povo que a maioria é de pobres. Com seu companheiro

<sup>568</sup> GUTIÉRREZ, G. *Teologia da Libertação*, *op. cit.*, p. 279.

<sup>569</sup> *Ibid.*, p. 278ss.

<sup>570</sup> COMBLIN, J. *O povo de Deus*. São Paulo: Paulus, 2002, p. 238: A partir de Medellín (1968) e de Puebla (1979), a Igreja latino-americana passou a defender mais nitidamente que os pobres ocupam o primeiro lugar no povo de Deus, que o povo de Deus se caracteriza pelo pobre e que a Igreja verdadeira é a Igreja dos pobres.

<sup>571</sup> ALBERIGO, G. (coord.). *História do Concílio Vaticano II*. V.2. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 192ss. Pronunciamento do Papa João XXIII na Rádio de Vaticano, no dia 11 de setembro de 1962.

<sup>572</sup> *Lumen Gentium*, 9: Grandes produções teológicas surgiram a partir do Concílio até hoje. Dois grandes eclesiólogos em destaque: José Comblin escreveu “O povo de Deus” e Leonardo Boff com seu livro “Igreja Carisma e Poder” dentre outros. Neste campo, a produção eclesiológica na América Latina é vastíssima: livros, revistas, artigos. Destaca-se com relevante valor a coletânea de vários autores, organizada por Paulo Sérgio Gonçalves e Vera Ivanise Bombonato publicada pelas Paulinas: “Concílio Vaticano II: análises e perspectivas”.

<sup>573</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, *op. cit.*, p. 195.

Ignácio Ellacuría, Jon Sobrino reassume a tese de que há uma correlação entre o Reino de Deus e o Povo de Deus quando o cita especificamente: “Haverá Reino de Deus quando houver Povo de Deus e na medida em que houver; haverá Povo de Deus quando houver Reino de Deus<sup>574</sup>”. A partir dessa afirmação, ao se analisar a realidade atual, vê-se o porquê de Jon Sobrino chamar a isso de “esquecimento” por causa de uma “adequação precipitada” quando se compreende a relação de Deus primeiramente com a Igreja e posteriormente com seu povo. Na verdade, Deus se relaciona antes de tudo com seu povo. Esse relacionamento mesmo quando o faz com uma pessoa, compreende-se que essa “pessoa está em relação com Deus dentro de um povo, aberta para dar e receber dos outros desse povo<sup>575</sup>”.

Portanto, mesmo salvaguardando a relação de Jesus com pessoas individualmente, há sempre de se ver o seu relacionamento plural quando cura e se dirige “às multidões”, pois são como “ovelhas” sem pastor: “são felizes os pobres”. O Reino não é primordialmente para indivíduos, mas para a coletividade, para um povo. E quando Jesus salva uma pessoa o faz para reintroduzi-la na comunidade do Povo de Deus e para instaurar o Reino de Deus: “Levanta-te e fica de pé no meio”, diz Jesus ao homem da mão atrofiada (Lc 6, 8).

Assim, Reino de Deus e Povo de Deus possuem uma correlação indissociável, constituindo-se os dois uma utopia para se chegar à plenitude de um Povo e um Reino, onde não haverá mais a presença do mal, mas somente as relações de justiça, fraternidade; numa única expressão, os valores do Reino se instaurarão definitivamente<sup>576</sup>.

#### 5.6.4. Conteúdo do Reino de Deus

Conteúdo do Reino de Deus é toda a ação de Jesus. O que ele falou e fez. Sua pessoa com sua mensagem, ações e atitudes. O maior conteúdo do Reino de Deus instaurado por Jesus conforme Jon Sobrino é “vida justa para os pobres<sup>577</sup>”. O conteúdo do Reino de Deus apresentado por Jon Sobrino se mostra

<sup>574</sup> ELLACURÍA, I. Pueblo de Dios. In: *Conceptos fundamentales de Pastoral*, p. 843. Apud: SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, op. cit., p. 195.

<sup>575</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, op. cit., p. 195.

<sup>576</sup> Ibid., p.196.

<sup>577</sup> Ibid., p. 196s.

primeiramente com uma nova ideia de Deus vivida por Jesus. É a ideia de um Deus-Pai<sup>578</sup> que se revela com uma misericórdia amorosa sem limites. Esta ação divina se atira para os empobrecidos e os pecadores mostrando sua solidariedade para se estabelecer a justiça do Reino do Pai. Esta justiça do Reino de Deus se apresenta em concreções históricas com uma “vida em plenitude”, um amor solidário celebrado num *ágape* cristão eucarístico para formar uma nova realidade espiritual, a qual transcende à dimensão escatológica histórica para uma realidade escatológica transcendente, além da história, a vida em plenitude ou dizendo melhor a vida em Deus.

#### 5.6.4.1. Nova imagem de Deus

Sendo Deus um “Mistério inefável<sup>579</sup>” só se pode conhecê-lo e falar o que Ele mesmo revela ao ser humano. Este o experimenta num encontro, interpreta-o e manifesta-o para si e para os outros mediante uma linguagem. Jesus o fez com imagens metafóricas como de um *Deus-abbá*.

Tanto os sinóticos quanto os escritos joaninos fazem emergir uma nova imagem divina: “Deus-abbá<sup>580</sup> (paizinho querido) é amor!”. Mas para que esta afirmação fique de forma patente há de se abandonar de maneira pertinente as outras imagens como a concepção de um “Deus” a exigir sacrifícios humanos para a sua satisfação ou para pedir uma prova de amor como no caso de Abraão levando Isaac, seu filho, criança inocente para sacrificar como prova do seu amor a Iahweh<sup>581</sup>. Jesus ao atuar manifestando o perdão do Deus amor-*agápe*<sup>582</sup> e ao mesmo tempo a gratuidade divina nesse perdão como no caso da parábola do Filho Pródigo e do Pai-misericordioso (Lc 15, 11-32) está revelando uma nova imagem de Deus para a humanidade se renovar.

Assim, sobretudo, na perspectiva da Cristologia da Libertação Latino-americana, para se reconfigurar como um Deus salvador mais pela misericórdia

<sup>578</sup> Ibid., p. 202-238.

<sup>579</sup> PASTOR, F. A. *A lógica do inefável*. Coleção: Fé e realidade, n. 27. São Paulo: Loyola, 1989, p. 155ss. Expressão já provinda de Karl Rahner.

<sup>580</sup> Ibid., p. 61ss.

<sup>581</sup> QUEIRUGA, A. T. *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 71-107.

<sup>582</sup> Ibid., p. 110.

do que pela justiça. A partir da imagem de um Deus-pai-misericordioso há de se reconfigurar a Justiça do Reino de Deus.

#### 5.6.4.2. O Princípio-Misericórdia

Como ainda se retomará este tema do princípio-misericórdia<sup>583</sup> de Deus-Pai do Reino e de Jesus, neste item, far-se-á com brevidade. A pregação de Jesus revela claramente uma nova imagem do verdadeiro Deus que é o *Abba*<sup>584</sup> e este age para salvar os seres humanos com misericórdia. No sermão da montanha na versão mateana herdarão o Reino aqueles que fizerem desenvolver em si mesmos a misericórdia do Pai. Pode-se hospedar nesta intelecção o “existencial sobrenatural<sup>585</sup>” de Karl Rahner, pois compreender a misericórdia na forma de “existencial sobrenatural” no ser humano significa assim toda pessoa possuir dentro de si este mistério divino. Com a capacidade de abertura ao crescimento pela graça divina, pode-se fazer crescer essa misericórdia na vida da pessoa.

Por isso, quando Jesus afirma lapidarmente: “Bem-aventurados os misericordiosos porque alcançarão misericórdia” (Mt 5, 7), não se pode ser misericordioso se não receber a misericórdia de Deus. Tentando entender de maneira mais ética, pode-se ver a propositiva de Jesus: “Sede misericordioso como o vosso Pai é misericordioso” (Lc 6, 36). As três parábolas da misericórdia do Pai contadas por Jesus são a “Ovelha perdida”, a “Dracma perdida” e o “Filho Pródigo” (Lc 15, 1-32). Estas três parábolas mostram dois esquemas teológicos sobre a ação salvadora de Deus. As duas primeiras além de revelarem uma imagem feminina de Deus-Pai, desvela o dinamismo salvador desse Deus-pai-misericordioso. Ele sai de si mesmo e abaixa-se para levantar com seu poder o pecador decaído bem como a vítima das opressões históricas. É um movimento proativo, longânime de Deus mediante sua iniciativa solidária para salvar as vítimas inocentes indefesa. Por outro lado, na parábola do filho pródigo, a compreensão do dinamismo salvador de Deus-misericordioso se dá através de outras formas de mediação, a partir da extrema miséria humana. Neste esquema, o qual se pode chamar ascendente, o movimento é do homem para Deus; todavia, há

<sup>583</sup> SOBRINO, J. *O principio misericórdia*, op. cit., p. 213ss: “Suportai-vos mutuamente”.

<sup>584</sup> JEREMIAS, J. *Estudos no Novo Testamento*. São Paulo: Academia Cristã, 2006, p. 311-332.

<sup>585</sup> RAHNER, K. *Curso fundamental da fé*, op. cit., p. 157.

de se compreender porque o ser humano retorna a Deus. Aqui está claro: ele se lembra, caindo em si, mediante a reflexão de que na casa de seu pai há muita fartura. A realidade da existência alienada do ser humano o faz ser de exílio e de saudade (Sl 137), motiva-o o retorno à realidade originária da casa paterna. Pode-se compreender esse voltar à casa paterna na perspectiva de Karl Rahner, do “existencial sobrenatural”, despertando-o ao regaço do Deus-misericordioso. O Bom Pastor, segundo a parábola, busca incessantemente a ovelha perdida defendendo-a dos lobos e dos ladrões, doando até a própria vida por elas, chegando ao ápice de amor oblato gratuito e livre, manifestando o eterno amor do Pai-misericordioso de Jesus (Jo 10, 1-18).

Jon Sobrino com seu “Princípio-misericórdia” argumenta teologicamente as ações libertadoras de Deus na história dos caídos pelas opressões dos exploradores latino-americanos. John Batista Metz falado Deus-misericordioso levantando os caídos pelas injustiças porque Deus em Israel é solidário com o sofrimento alheio e a dor dos pequenos socialmente empobrecidos<sup>586</sup>.

#### 5.6.4.3. O Princípio-Solidariedade

Hoje é cada vez mais patente a “Teologia da Solidariedade<sup>587</sup>”. A parábola do Bom Samaritano (Lc 10, 29-37) sintetiza toda a solidariedade cristã. Este tema da solidariedade perpassa toda a cristologia de Jon Sobrino. No seu livro: “El Principio-misericórdia”, o nono capítulo é todo sobre a solidariedade cristã<sup>588</sup>. Partindo da teologia paulina com a afirmação: “suportai-vos mutuamente”, Jon Sobrino discorre sobre o significado apropriado para solidariedade. Convém aqui aprofundar a reflexão sobre a solidariedade de Iahweh no Antigo Testamento e de Jesus no Novo Testamento.

O verdadeiro Deus de Israel se revela solidário com seu povo escravo no Egito quando escuta os seus clamores e sai de si para libertá-lo da escravidão (Ex 3, 12) e conduzi-lo pelo deserto até a Terra prometida quando o povo enfrenta

<sup>586</sup> METZ, J. B. Proposta de programa universal do cristianismo na idade da globalização. In: GIBELLINI, R. *Perspectivas teológicas para o século XXI*. Aparecida-SP: Santuário, 2005, p. 353-364.

<sup>587</sup> ALMEIDA, J. C. *Teologia da Solidariedade*. São Paulo: Loyola, 2005. Uma abordagem da obra de Gustavo Gutiérrez sobre a solidariedade bem como do magistério do papa João Paulo II.

<sup>588</sup> SOBRINO, J. *El principio-misericordia*. Santander: Sal Terrae, 1992, p. 211-248.

fome, sede, discórdias entre si e idolatria; mesmo assim Deus é fiel em sua Aliança<sup>589</sup>. Um Deus totalmente outro, mistério insondável, incomensurável, inefável, infinito e absoluto<sup>590</sup> comunicava-se direta e historicamente com seu povo no caso da tradição javista, ou nas outras tradições eloísta e sacerdotal, Deus age por meio de mediações ou mesmo na tradição da lei como o deuteronomio<sup>591</sup>, quando a lei protege solidariamente para que o povo não volte à escravidão (Dt 15). Esse Deus escutou os clamores do povo oprimido desceu e se tornou solidário por compaixão<sup>592</sup>. A “ideia-força” da solidariedade é de envolvimento tendo um poder incomensurável superior àquele dos prepotentes faraós do Egito, pois estes não têm poder sobre Ele (Ex 7-12).

Jesus nos evangelhos age solidariamente por um sentimento de compaixão para com as pessoas injustiçadas pelas opressões. Suas curas e seus milagres são por solidariedade com os oprimidos. E o mais relevante nesta solidariedade por compaixão não é algo momentâneo, mas um milagre e uma cura operados por Jesus faz de quem recebe sua incidente ação um discípulo e um missionário, mudando totalmente a sua vida, acontecendo verdadeiramente uma *metanoia*.

A partir dessa interação entre Jesus e os curados, o Reino de Deus começa a acontecer com a sua atitude e a da pessoa curada. Um verdadeiro envolvimento de Jesus com os sofredores, os pobres e os pecadores, para libertá-los de todos os males. Quando se analisa o esquema cristológico paulino, principalmente do hino da Carta aos Filipenses se conclui: toda a ação de Jesus é solidária. Entra na dimensão de sua *kênosis* da encarnação (Fl 2, 6-8). Esta *kênosis* do Filho de Deus não se trata da *kênosis* intratrinitária<sup>593</sup>, pois em Deus-trino há correlação entre as pessoas – a *pericórese* – uma circularidade de amor entre os três quando cada uma das pessoas mantendo suas características, uma é em todas as outras e vice-versa, por isso, chama-se a *kênosis* intratrinitária, pois amor é movimento de si para o outro, para fora. Mas, aqui se trata da *kênosis do verbo encarnado* envolvendo-se, unitiva e participativamente com o ser humano. Essa “participação” divina de Jesus não é “panteísmo”, mas, como Tillich chama, “*pan-en-teísmo*”, o que hoje

<sup>589</sup> MESTERS, C. *Um projeto de Deus*. São Paulo: Paulinas, 1982. Veja-se o Projeto “Tua Palavra é Vida” da CRB, V.2.

<sup>590</sup> RAHNER, K. *Curso fundamental da fé, op. cit.: O homem perante o Mistério Absoluto: Deus*.

<sup>591</sup> HARRINGTON, W. *Chave para a Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 224ss.

<sup>592</sup> METZ, J. B. Proposta de programa universal do cristianismo na idade da globalização, *op. cit.*

<sup>593</sup> BALTHASAR, H. U. *Mysterium Paschale*. In: *Mysterium salutis: Compêndio de dogmática histórico-salvífica*. V.3,6. Petrópolis: Vozes, 1974, p. 15.

não só é aceito como é refletido por muitos teólogos. Deus mantém sua alteridade divina e ao mesmo tempo participa ontológica e sacramentalmente do ser humano em Jesus. Tillich chama de “*panenteísmo escatológico*”<sup>594</sup> na criação e com os seres humanos para salvá-los de suas alienações e ambiguidades<sup>595</sup>.

É a *kênosis* extratrinitária e importa aqui falar a de Jesus<sup>596</sup>. Essa ação solidária de Jesus já é uma presença do Reino de Deus na história de seu povo estendendo-se para toda a humanidade. Os gestos de Jesus demonstram essa solidariedade como o lava-pés, a refeição partilhada e a cruz assumida solidariamente para não mais existirem cruzeiros injustas na história dos humanos<sup>597</sup>.

#### 5.6.4.4. O Princípio-Justiça

Depois da elaboração do princípio-misericórdia – realidade revelada por Jesus como o *Deus-abbá* – e do princípio-solidariedade – realidade assumida por Jesus como o *Deus-amor* –, convém versar sobre o princípio-justiça do Reino de Deus como o *Deus-ético*. Uma realidade complexa é a Justiça do Reino de Deus. Não há como pensar o Reino de Deus sem a questão da Justiça e, sobretudo, da forma como se vem elaborando-a historicamente.

No Antigo Testamento, Deus é aquele que age fazendo justiça aos injustiçados pelas opressões como no caso do seu povo escravo no Egito (Ex 3, 7ss). No Novo Testamento, Jesus faz justiça com sua prática para com os empobrecidos daquela época e como conteúdo da mensagem de justiça, pode-se perceber em todos os escritos dos evangelhos, especialmente, nas bem-aventuranças na versão de Mateus e de Lucas. Jon Sobrino analisa a questão da Justiça<sup>598</sup> a partir de Jesus para o mundo ocidental neste início de terceiro milênio.

<sup>594</sup> DOURLEY, J. Substância Católica e Princípio Protestante: Tillich e o diálogo inter-religioso. Disponível em: <<http://www.metodista.br/ppc/correlatio/correlatio01/substancia-catolica-e-principio-protestante-tillich-e-o-dialogo-inter-religioso/>>. Acesso em: 31 mar. 2009. Veja-se também: TILLICH, P. *Teologia Sistemática*, op. cit., p. 846-848.

<sup>595</sup> TILLICH, P. *Teologia Sistemática*, op. cit., p. 410ss.

<sup>596</sup> XAVIER, D. J. A *kênosis* da Trindade. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 15, n. 59, p. 43-63, [abr./jun.] 2007.

<sup>597</sup> SEGUNDO, J. L. *O homem de hoje diante de Jesus de Nazaré*. V. 2,1. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 3-16: “O ‘Evangelho de cruz’”. Cf.: BOFF, L. *Paixão de Cristo: paixão do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 158: “Como pregar hoje a cruz num mundo de crucificados?” TAVARES, S. S. *A cruz de Jesus e o sofrimento do mundo*. Petrópolis: Vozes, 2002.

<sup>598</sup> SOBRINO, J. Jesús y La justicia: Reflexiones para occidente. *Revista Latinoamericana de Teologia*. San Salvador: UCA Editores, v. 21, n. 62, p. 179-198, [mai/ago] 2004. Veja-se: LÉON, X. D. (dir.) et al. *Vocabulário de Teologia bíblica*, op. cit., p. 499ss.

Ele reflete sempre o binômio: *injustiça-justiça* relacionado com outros binômios fundamentais da Teologia da Libertação: opressão-libertação, vítimas-martírio, pecado estrutural-santidade política, práxis-esperança de que o verdugo não triunfe sobre a vítima. Em se falando da justiça e injustiça observa-as em duas partes. Na primeira, levanta a problemática prévia da justiça com uma questão de honradez e, na segunda, a partir do contexto bíblico-Jesuânico<sup>599</sup>.

A primeira parte é a questão da linguagem sobre justiça e injustiça, tanto em âmbito universal quanto particular. No contexto do mundo atual, defronta-se previamente com quatro problemas a enfrentar. Há um silêncio clamoroso desses dois termos e quando se usam atenua-se sua força semântica. Em se tratando, por exemplo, das guerras atuais, onde acontece verdadeiro genocídio, prefere-se chamar de guerra civil e até proíbe-se de se chamar assim genocídio. Em âmbito mundial quase não se fala de injustiça nem muito menos de justiça numa situação de guerras, genocídios, opressores e oprimidos<sup>600</sup>.

Há um silêncio quase total sobre esse binômio no mundo da globalização<sup>601</sup> onde o mercado livre é o principal opressor, cometendo as maiores atrocidades contra seres humanos, verdadeiros sacrifícios humanos, vítimas dos diversos tipos de violências. Sempre se faz necessário recuperar a linguagem bíblico-profética do Primeiro Testamento com a denúncia pelos profetas contra todas as injustiças e os mecanismos vitimários e o anúncio da justiça da Aliança de Deus<sup>602</sup>, ressaltando no Segundo Testamento a pregação de Jesus sobre a justiça do Reino de Deus. Escreve Sobrino: “recuperar a linguagem de injustiça-justiça, contudo, não é fácil. Para isso, necessita-se de honradez com o real, a vontade de ser real e a vontade de nomear o real<sup>603</sup>”.

Em primeiro lugar, necessita-se, conforme Sobrino, de honradez para analisar o mundo hodierno, vendo nele um *déficit* clamoroso na maneira de conhecer a realidade. Mesmo havendo um *superávit* de conhecimentos, técnicas e

<sup>599</sup> Ibid., p. 179-180.

<sup>600</sup> Ibid., p.180-181.

<sup>601</sup> Observe-se também que há positividade na globalização. Basta ver o discurso do Papa Bento XVI, em Aparecida, quando ele anotou com justiça os efeitos benéficos da globalização.

<sup>602</sup> EPZSTEIN, L. *A Justiça social no Antigo Oriente Médio e o Povo da Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1990, p.71; 111ss. Vejam-se também: GORGULHO, G.; ANDERSON, A. F. *A justiça dos pobres*. São Paulo: Paulinas, 1981, p. 31; 36; 36; CROATTO, J. S. *Isaiás: O profeta da justiça e da fidelidade*. V. I: 1-39. Petrópolis: Vozes; Imprensa Metodista, 1989.

<sup>603</sup> SOBRINO, J. *Jesús y La justicia*, *op. cit.*, p. 181.

ciências superando o desconhecimento de coisas concretas, não há muita *verdade* sobrepondo-se à mentira posta como “verdade” mascarando a realidade. Este é um “mascaramento da realidade”, ou seja, tem a função de fazer o câmbio do “real” pelo “ideal” alienando a quem não tem consciência crítica como já afirmava Paulo Freire há mais de trinta anos<sup>604</sup>. Isto os teólogos da libertação chamam de falta de consciência crítica além de haver uma inversão de valores bem como o uso da “má-fé” na concepção da realidade. Sobre essa inversão de valores, o profeta Isaías já denunciava acertadamente: “*Ai dos que ao mal chamam de bem e ao bem chamam de mal, dos que transformam as trevas em luz e a luz em trevas, dos que mudam o amargo em doce e o doce em amargo*” (Is 5, 20). Diante dessas “ideologias práticas” há de se superar pela busca incessante da verdade com consciência crítica a partir de pressupostos metodológicos adotados pela comunidade de teólogos da libertação.

A Igreja Latino-americana e a Teologia da Libertação possuem um método: Ver, Julgar e Agir<sup>605</sup> cujo escopo, quando aplicado na realidade a partir dos empobrecidos, há uma probabilidade maior de aproximar-se da verdade e da existência do real como Jesus já afirma: “a verdade vos libertará” (Jo 8, 32). O teólogo José Comblin num opúsculo retoma a questão da verdade com uma assertiva ousada já pronunciada por outros pensadores passados: “A verdade, Pilatos, é estar do lado dos pobres<sup>606</sup>”. Essa verdade é revelada pelos fatos, os quais falam por si mesmos como no caso da fome no continente Africano, as injustiças na América Latina, as vítimas inocentes aos milhares e aos milhões que morrem por extrema miséria<sup>607</sup>.

Em segundo lugar, precisa-se de uma vontade de “ser real”, superando os princípios docetistas e gnosticistas, desde o início do cristianismo até o presente entre os cristãos<sup>608</sup>. O docetismo<sup>609</sup> pregava a não-corporeidade de Jesus enquanto que o gnosticismo<sup>610</sup> disseminava sua complexa doutrina, com muitos raios ideológicos difundidos em vários grupos, afirmando a salvação vir por meio da *gnose*, isto é, do conhecimento e não pela graça libertadora de Jesus. Eis por que,

<sup>604</sup> FREIRE, P. *Educação e mudança*. 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 38ss.

<sup>605</sup> Documentos do CELAM: Puebla e Aparecida usam o método: Ver, julgar e agir.

<sup>606</sup> COMBLIN, J. *O que é a verdade?* São Paulo: Paulus, 2005, p. 5.

<sup>607</sup> SOBRINO, J. Nosso mundo: crueldade e compaixão. *Concilium*. n. 299 (2003/1), p. 12-21.

<sup>608</sup> Id. Jesús y La justicia, *op. cit.*, p. 182.

<sup>609</sup> FRANGIOTTI, R. *Historia das heresias*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 27-30.

<sup>610</sup> *Ibid.*, p. 31-40.

no processo de colonização da América Latina, ainda em vigor com muita força, atualmente, levou a se compreender a realidade do “ser” a partir dos europeus e dos norte-americanos<sup>611</sup>. Pensou-se os latino-americanos como o “não-ser”, no sentido da negação do ser, imposta pelo “*ethos*” cultural dos colonizadores opressores. Assim, os latino-americanos são “não-real”, “o não-ser”, “não-homens”, mas cheios de esperança de se tornarem “homens novos<sup>612</sup>”.

Diante disso, convém recuperar a esperança de uma utopia do “não-ser” gerando forças projetivas para o futuro de uma América Latina que viva os valores da liberdade, da igualdade e da fraternidade. É necessário recuperar nas diferentes culturas continentais a latinamericanidade e em se tratando do Brasil, a brasilidade<sup>613</sup> mediante vários fatores como a literatura prosaica e poética, principalmente a partir do movimento modernista, o folclore, a cultura popular, tendo como seminais a miscigenação das etnias e o sincretismo religioso<sup>614</sup>, para se estabelecer, ousada e eficazmente, a identidade real dos latino-americanos, principalmente dos brasileiros<sup>615</sup>, superando assim todas as linguagens docetistas e gnosticistas, as quais podem provocar ausência de toda concepção de justiça ou injustiça. Num continente cheio de injustiças e onde se apregoa pouca justiça, é urgente a emersão do profetismo denunciatório de injustiças e anunciador da verdadeira justiça do Reino de Deus<sup>616</sup>.

Em terceiro lugar, necessário se faz acelerar e fortalecer o debate pelos direitos humanos tão desrespeitados na América Latina<sup>617</sup>. Indubitavelmente, esses debates são muitas vezes conflituosos, haja vista as realidades serem complexas e cada vez mais crescentes as controvérsias entre as elites econômicas e as massas populares. As democracias tiveram um progresso, mas ainda há muito a desejar no tocante à participação popular por meio de seus organismos. Até mesmo os partidos de esquerda com suas políticas partidárias de cunho social

<sup>611</sup> DUSSEL, H. *Filosofia da Libertação*. São Paulo: Loyola, 1977, 8ss.

<sup>612</sup> FLORES, A. V. *Antropologia da Libertação Latino-americana*. São Paulo: Paulinas, 1991. Veja-se também: ZIMMERMANN, R. *América Latina: o não-ser: Uma abordagem filosófica a partir de Enrique Dussel (1962-1976)*. Petrópolis: Vozes, 1986.

<sup>613</sup> RIBEIRO, D. *O povo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 126ss. Toda a temática do livro. Veja-se também sobre a brasilidade: GOMES, R. *Crítica da razão tupiniquim*. São Paulo: FTD, 1990. Uma literatura tanto prosaica como poética mostrando a brasilidade é a da semana de “arte moderna” ocorrida no Rio de Janeiro e em São Paulo, em 1922.

<sup>614</sup> BOFF, L. *Igreja: Carisma e Poder*. São Paulo: Record, 2005, p. 193-220.

<sup>615</sup> POMPEU, R. *Dialética da feijoada*. São Paulo: Vértice, 1983.

<sup>616</sup> SOBRINO, J. Jesús y La justicia, *op. cit.*, p. 183.

<sup>617</sup> *Ibid.*, p. 183.

chegaram à administração do Estado mediante alianças espúrias e ideologias do neocapitalismo liberal globalizado, as quais não se têm mais controle sobre o mercado internacional. Fica-se à mercê dos interesses das multinacionais, bancos e investimentos das bolsas de valores. As decisões políticas tomadas sempre têm o substrato ideológico do mercado global que nenhum governo, seja de esquerda ou de direita, tem controle sobre o mercado.

Há um novo leviatã – novo ídolo – emerge como um “contra-sinal dos tempos”. E aqui se entenda como “contra-sinal” as realidades contrárias aos sinais dos tempos do Reino de Deus. Ainda se observa o aspecto fundamentalista das religiões, igrejas e seitas cristãs, as quais dicotomizam a fé da vida real provocando um verdadeiro maniqueísmo entre prática de fé e vivência social. Urge designar a questão da justiça como prioritária no mundo atual mediante o serviço do Reino de Deus nas dimensões do político e do religioso<sup>618</sup> com os meios que se tem para o bem comum hoje dentre os quais a democracia<sup>619</sup>, porque há muita injustiça neste continente latino-americano fazendo milhares de vítimas inocentes e indefesas. São verdadeiros mártires, seja de forma patente ou anônima, abrupta ou lenta no decorrer da história<sup>620</sup>. É necessário discernir os sinais dos tempos<sup>621</sup>.

A segunda partediz respeito ao enfoque bíblico-jesuânico sobre a questão da Justiça do Reino de Deus<sup>622</sup>. Vê-se a partir de Jesus a insurgência da ideia de injustiças como anti-valor do Reino de Deus e a emergência da “ideia-força” da Justiça do Reino de Deus valor fundamental da nova Aliança de Deus com seu povo. Conforme Jon Sobrino, essa “ideia-força” Justiça do Reino e denúncia da injustiça, no mundo, há de se compreender Jesus com duas grandes dimensões: A primeira como profeta e mestre da suspeita<sup>623</sup> e outra, como defensor do débil e oprimido<sup>624</sup>. Em se tratando da Justiça do Reino de Deus, constitui-se um assunto

<sup>618</sup> SEGUNDO, J. L. *O homem de hoje diante de Jesus de Nazaré*. V. 2,1. Op. cit., p. 107-129.

<sup>619</sup> Documento de Aparecida, capítulo VIII, n. 380-430.

<sup>620</sup> SOBRINO, J. Nosso mundo. Crueldade e compaixão. *Concilium*. Petrópolis, n. 299, p.12-21, [jan.] 2003.

<sup>621</sup> Id. Jesús y La justicia, *op. cit.*, p. 184. Vejam-se os sinais dos tempos: GS 4.

<sup>622</sup> Ibid., p. 185. Veja-se de modo especial que o Evangelho de Jesus narrado por São Mateus tem como “idéia-força” a Justiça do Reino de Deus. Está em destaque Sermão de Montanha, as parábolas e os discursos escatológicos, principalmente, o capítulo 25. Dentre o grande número de bibliografias sobre o assunto destaca-se J. Jeremias, *Jerusalém no tempo de Jesus*.

<sup>623</sup> Ibid., p. 186.

<sup>624</sup> Ibid., p. 191.

complexo, a qual se reconfigurou de forma diferente e progressiva na longa história do Povo de Israel, o qual herdou muitas leis dos códigos do Antigo Oriente<sup>625</sup>. Em Jeremias, nota-se claramente este questionamento de raiz: “Vê! Eu te constituo, neste dia, sobre as nações e sobre os reinos, para arrancar e para destruir, para exterminar e para demolir, para construir e para plantar” (Jr 1, 10). Jesus como profeta e mestre da suspeita retoma a práxis teológica dos profetas vétero-testamentários de questionar pela raiz os sistemas culturais: religiosos-políticos, institucionalizados e legalizadores por leis tidas como divinas<sup>626</sup>.

Nos sinóticos, em especial, o Evangelho de Marcos, patenteia-se o conflito de Jesus. Toda a primeira parte do Evangelho de Jesus narrado por Marcos versa sobre o embate acirrado de Jesus com a religião oficial de Israel naquele tempo, as instituições legais sejam o poder religioso ou o político<sup>627</sup>. O primeiro aspecto desse profetismo e dessa suspeita de Jesus está, segundo Sobrino, no “pasma ante o agravo comparativo<sup>628</sup>”.

Jesus mostra sua indignação com a realidade abissal entre ricos e pobres mediante a parábola do homem rico e do pobre Lázaro (Lc 16, 19-31). O rico tinha tudo aqui na terra e o pobre não tinha nada. Na concepção de muitos em Israel, o rico era abençoado e o pobre amaldiçoado. Na parábola, quando os dois morrem, o rico vai para o inferno e o pobre para o seio de Abraão. Há uma inversão total da situação de valores. Nesta mesma linha de reflexão, a mesma percepção lucana lança seu matiz nas bem-aventuranças em contraponto com as “desaventuranças”. Bem-aventurados são os pobres e mal-aventurados são os ricos (Lc 6, 20.24).

No dizer de Jon Sobrino, esse “pasma perante o agravo comparativo” aumenta quando há um abismo intransponível entre ricos e pobres, pela mudança paradoxal entre os paralelos “céu e terra”. Quem vive na riqueza aqui na terra vai viver ruim na miséria na eternidade e quem vive no sofrimento viverá na

<sup>625</sup> CRÜSEMANN, F. *A Torá: Teologia e história social da lei do Antigo Testamento*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 159ss.

<sup>626</sup> SEGUNDO, J. L. *O homem de hoje diante de Jesus de Nazaré*, *op. cit.*, p. 107ss.

<sup>627</sup> BRAVO GALLARDO, C. *Jesus, homem em conflito: o relato de Marcos na América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 75ss. GNILKA, J. *Jesus de Nazaré: Mensagem e História*. Petrópolis: Vozes, 2000. Importante destacar os cinco primeiros capítulos e o capítulo 10º sobre a situação política e religiosa de Israel e o confronto profético de Jesus por causa da injustiça bem como sua proposta da Justiça do Reino de Deus.

<sup>628</sup> SOBRINO, J. *Jesús y La justicia*, *op. cit.*, p. 186.

abundância lá no céu. É uma impossibilidade total de conversão ao se chegar aos “destinos últimos” de cada um. O rico na absoluta ausência de Deus e o pobre na absoluta presença divina. A parábola quer demonstrar ser a condenação eterna, o resultado de uma vida e de uma história de injustiça e a Vida Eterna é o fruto da bondade do criador para com aqueles que aqui na terra viveram fidelidade e confiança da justiça de Deus e sofreram injustiças por parte dos opressores pelo fato de serem pobres.

No mundo atual, esse abismo entre ricos e pobres cresce cada vez mais conforme estudos recentemente feitos pelos organismos internacionais. Há os novos epulões e lázaros da história, sejam eles pessoas, povos ou países<sup>629</sup>. Quando João Paulo II, abrindo a conferência de Puebla, afirmou que “*os pobres estão cada vez mais pobres e os ricos cada vez mais ricos às custas daqueles*”<sup>630</sup>, estava asseverando uma verdade divina, a mais crítica que se pode expor. Essa era a verdade que Cristo iria dizer a Pilatos e este não teve condições de escutar, pois seria por demais a falta de decoro escutar a voz de Cristo falando a um alto representante do imperador romano. Teria Jesus dito: “A verdade, Pilatos, é estar do lado dos pobres” escreveu o teólogo Padre José Comblin, recentemente, já citando o filósofo personalista Emmanuel Mounier<sup>631</sup> e, posteriormente, reafirmou a mesma frase lapidarmente Dom Pedro Casaldáliga citando Maxence van der Meersch o qual responde a Pilatos e responde a todos, hoje: “A verdade, Pilatos, é estar do lado dos pobres”<sup>632</sup>. Ainda em se tratando desse abismo entre os ricos e pobres, anota Sobrino que “um bebê nos Estados Unidos consome 420 vezes mais recursos face a um bebê na Etiópia”<sup>633</sup>. Citando Eduardo Galeano com uma conferência pronunciada no Foro das culturas, Barcelona, Espanha, em 2004:

O mundo dedica 2,200 milhões de dólares por dia para produção da morte. Ou seja: o mundo consagra essa astronômica fortuna para promover caçadas onde o caçador e a presa são da mesma espécie, e onde mais êxito tem quem mais próximos mata. Nove dias de gastos militares bastariam para dar comida, escola e remédio à todas as crianças que não têm<sup>634</sup>.

<sup>629</sup> BOFF, L. *Homem: Satã ou anjo bom?* Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 95ss.

<sup>630</sup> JOÃO PAULO II: Discurso inaugural da Conferência de Puebla, em 28 de janeiro de 1979.

<sup>631</sup> COMBLIN, J. *O que é a verdade?* São Paulo: Paulus, 2005, p. 5.

<sup>632</sup> CASALDÁLIGA, P. “A verdade, Pilatos, é estar do lado dos pobres”. Disponível em: <<http://www.adital.com.br>>. Acesso em: 26 mar. 2007.

<sup>633</sup> SOBRINO, J. Jesús y La justicia, *op. cit.*, p. 187.

<sup>634</sup> *Ibid.*, p. 187.

O que se observa, não obstante os avanços e a mudança da situação dos pobres, essa realidade de empobrecimento não parece ser conjuntural, mas uma realidade estrutural e se diga sistêmica mundial, pois, a pobreza e a violência aumentam e se complexificam a cada etapa da atual história da humanidade. A distância entre ricos e pobres continua se abismando em âmbito mundial. Esta realidade causa não só pasmo bem como indignação ética e o discípulo missionário de Jesus não pode se omitir e ficar calado. Ele tem de tomar posição e assumir sua dimensão profética herdado no batismo de denunciar as injustiças e anunciar a justiça do Reino de Deus. Não se separam denúncia e anúncio. Num pensamento correlacional, ao se denunciar a injustiça já está, implicitamente, anunciando a justiça e ao se anunciar a justiça já está denunciando a injustiça.

Uma crescente consciência dos empobrecidos leva a novas utopias de um “outro mundo possível” através de Fóruns sociais mundiais solidários com as causas dos empobrecidos questionando seriamente os ricos epulões, os quais também se reúnem em fóruns econômicos mundiais. Opinião cheia de esperança manifestada por Leonardo Boff são as pontes estabelecidas entre ambos mediante representantes de países pobres emergentes como o Brasil, dão esperança de uma nova consciência e nova práxis mais humanitária e participativa para salvar do fosso abissal entre riqueza geradora de pobreza desumana<sup>635</sup>.

O segundo aspecto se delinea pela ultimidade da misericórdia de Jesus<sup>636</sup>. Uma parábola que condensa toda essa ação compassiva de Jesus é a do bom samaritano (Lc 10, 29-37). O cenário é completo quando aquele homem itinerante cai nas garras dos assaltantes que o golpeiam desnudando-lhe e espancando-lhe, deixando-o semimorto. Um sacerdote representante da religião e um levita representante da lei – e aqui se pode entender como os dois poderes: religioso e político – não prestam solidariedade ao quase morto. Porém, um samaritano, considerado como pecador pelos ortodoxos israelitas daquela época bíblica, presta socorro à vítima ferida. Jon Sobrino ao fazer um *analogatum princeps* das realidades do tempo de Jesus com as de hoje, percebem os mesmos comportamentos nos figurantes dessa parábola. Discorre Jon Sobrino:

<sup>635</sup> BOFF, L. *Homem: Satã ou anjo bom?*, op. cit., p. 96. Cf.: Boff na ONU, no dia 22 de abril de 2009, no dia Internacional da Mãe Terra, quando ele cita as políticas sociais do presidente Lula como uma das pistas de solução para o problema da fome e conseqüentemente ecológico.

<sup>636</sup> SOBRINO, J. *O princípio misericórdia*, op. cit., p. 31ss.

Certamente, há injustiças nos salteadores ativos, as grandes potências, o G-8, as empresas multinacionais, as farmacêuticas, por exemplo... E o grande salteador é o império, Estados Unidos, que lidera a depreciação que leva a cabo o ocidente. A globalização ainda admite algumas leituras positivas, sobretudo, os dinamismos que de fato, podem gerar para o futuro se se trabalha nele é fundamentalmente uma maquiagem do império que se impõe de diversas formas: brutal, contra os débeis – os fracos – e mais sofisticada para países aliados ao império. O que em definitivo se impõe é uma maneira de ser, apresentada como salvação: a cultura do individualismo, do êxito e do bem viver, como destino manifesto<sup>637</sup>.

Assim, como na parábola que Jesus conta, perante este quadro mundial de injustiças com as vítimas no caminho, a primeira reação do discípulo missionário<sup>638</sup> de Jesus é a ação da misericórdia<sup>639</sup>. O discípulo missionário de Jesus deve ter os mesmos sentimentos de Jesus Cristo (Fl 2, 5), mostrando mediante suas entranhas misericordiosas<sup>640</sup> (*rahamins*) para salvar as vítimas. Para Sobrino, a misericórdia é um exercício da “obediência devida<sup>641</sup>”. A misericórdia é obediência por que ela possui dois movimentos: Um da “autoridade dos que sofrem<sup>642</sup>,” e por isso se constitui em si mesmo um *mandato obediencial* e outro da parte de quem obedece exercendo seu princípio liberdade para cuidar da vítima. Neste sentido, quem exerce por compaixão o princípio misericórdia<sup>643</sup>, põe-se em marcha salvadora com as vítimas inocentes projetando-se ao fim último. Tanto o samaritano como a vítima estão vivendo de forma perfeita e em plena liberdade “voto de obediência”, pois, estão escutando a voz de Deus que clama na pessoa que sofre<sup>644</sup> (Mt 25, 40).

O terceiro aspecto diz respeito à indignação ética perante a realidade de injustiças para com os pobres, por isso, Jesus retoma seu múnus dos profetas denunciando a opressão e a hipocrisia<sup>645</sup>. Jesus condena explicitamente o modo como as classes dominantes oprimem os pobres mediante o sistema religioso e as

<sup>637</sup> SOBRINO, J. Jesús y La justicia, *op. cit.*, p. 188. Agora é G-20, países ricos e países em desenvolvimento criado em Cancún no México, em 20 de agosto de 2003.

<sup>638</sup> Documento de Aparecida, a partir do capítulo I, chama de discípulos missionários para superar a dicotomia entre discipulado e missão de Evangelizar.

<sup>639</sup> *Ibid.*, p. 189.

<sup>640</sup> BINGEMER, M. C. *O segredo feminino do Mistério*. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 68.

<sup>641</sup> SOBRINO, J. Jesús y La justicia, *op. cit.*, p. 189.

<sup>642</sup> *Ibid.*, p. 189.

<sup>643</sup> *Id. Principio misericórdia, op. cit.*, p. 213-269.

<sup>644</sup> *Id. Jesús y La justicia, op. cit.*, p. 189.

<sup>645</sup> *Ibid.*, p. 189.

ideologias políticas em Israel. Seus discursos são críticos e ásperos contra os fariseus, escribas e sacerdotes (Mt 23, 1-39). Jesus denuncia a injustiça dos escribas e a hipocrisia dos fariseus colocando-as assim no mesmo nível. Toda a luta de Jesus foi contra esses dois contravalores e por isso instalaram-lhe uma perseguição acirrada desde o início de sua ação pública na sinagoga de Nazaré até os últimos instantes com os insultos e a morte de cruz no gólgota (Jo 19, 17).

Nos dias atuais, com o capitalismo neoliberal projetado pela globalização, as injustiças são mundiais e são incomensuráveis bem como a hipocrisia reinante nas classes dominantes. No tempo de Jesus, esses dois contravalores do Reino, a injustiça e a hipocrisia, tinham pessoas e grupos facilmente identificados como os escribas e fariseus ou outros da mesma similitude. Hoje, notadamente, é o mercado globalizado, evidentemente que telecomandado pelas classes dominantes, as quais se aproveitam dos sistemas democráticos ainda em gestação para continuarem explorando suas vítimas cometendo assim enormes injustiças e mascarando-as por meio das frágeis democracias veiculadas pelos meios de comunicação social. Estes são posses dessas elites opressoras e fazem emergir novas formas de hipocrisias nos estratos sociais dominantes por meio do mercado. Entretanto, há também o perigo de o mercado globalizado tornar-se o grande vilão, culpando sempre o grande ídolo mercadológico atrativo e persuasivo, por isso, responsável pelas enormes tragédias da humanidade isentando as responsabilidades pessoais. Neste aspecto, convém assumir uma postura correlacional entre as responsabilidades pessoais e coletivas, entre os indivíduos e as sociedades<sup>646</sup>.

Já reinterpretando Sobrino, assim como houve os mestres da suspeita em séculos passados não muito distantes, hoje, mediante atitudes de suspeita questiona-se o velho *status quo* das sociedades e das religiões e com isso acarreta a emergência de novos paradigmas culturais. Assim também Jesus o fez no seu tempo, por isso, é dado muito acertado que os discípulos do Grande Mestre Jesus, façam o mesmo para fazer emergir o profetismo e a suspeita, mesmo neste mundo como uma contracorrente solidária na história<sup>647</sup>. A partir de uma ótica mais teológica, pode-se afirmar ser urgente e necessário o ressurgimento do

<sup>646</sup> BERGER, P. L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985, p. 15-41.

<sup>647</sup> SOBRINO, J. Jesús y La justicia, *op. cit.*, p.190-191.

profetismo<sup>648</sup> e a ousadia da suspeita religiosa diante de um cristianismo de corte espiritualista pentecostal, desencarnado da história, sem nenhuma ação profética para denunciar as injustiças e nem muito menos para fazer acontecer a Justiça do Reino de Deus no mundo atual. E, por fim, Jesus como defensor dos débeis e oprimidos<sup>649</sup>. Para isso, Jesus exerce a Justiça do Messias esperado numa parcialidade com os oprimidos<sup>650</sup>, porém aberta a todos como já se observou na opção pelos pobres. Essa parcialidade de Jesus pelos injustiçados, no âmbito da Justiça do Reino, constitui-se o primordial da Aliança que Iahweh fez com seu povo injustiçado, apresentando-se como defensor – *Go'El* – dos oprimidos: órfãos, viúvas, desvalidos e empobrecidos.

Deus se apresenta como Rei justo por que misericordioso com os “*anawins*”, os encurvados pelo peso da opressão da injustiça. A aliança que Deus fez com seu povo se constitui mediante leis, portanto, num direito para todos, todavia, quando esse direito é tirado de alguns ou de muitos pela parte dos seus pares iguais, na revelação bíblica torna-se uma injustiça, a qual precisa ser corrigida na comunidade para que não haja mais defraudadores. Estes podem e quase sempre justificam e legitimam com suas interpretações e ainda mais com distorções afirmando ser vontade de Iahweh, o que, no entanto é vontade deles mesmos, projetada para Iahweh e veiculada para os oprimidos como se fosse vontade divina<sup>651</sup>. Por isso, Deus é parcial com os oprimidos por uma questão do direito para restabelecer a Aliança corrigindo assim a inversão dos valores. Para Jon Sobrino, em Jesus, esta parcialidade é real e patente. Diante de realidade latino-americana o autor em estudos assegura:

Esta parcialidade da justiça choca – teoricamente – nossos ouvidos ocidentais democráticos, mesmo que a realidade impere uma óbvia parcialidade na direção oposta: a justiça favorece mais ao poderoso que ao débil, mais ao opressor que ao oprimido – e isso tanto em âmbito jurídico como em âmbito mais primordial do econômico e social. Por isso, é importante conhecer como surgiu no mundo do Antigo Testamento a ideia e a necessidade de uma instituição que ministrasse a justiça. Pois bem, a função do que hoje chamamos juiz era “exclusivamente para ajudar a quem, por ser débeis, não podem defender-se; os outros não necessitam”.

<sup>648</sup> Documentos da CNBB, n. 80.

<sup>649</sup> SOBRINO, J. Jesús y La justicia, *op. cit.*, p. 191.

<sup>650</sup> *Ibid.*, p. 191.

<sup>651</sup> MESTERS, C. *Um projeto de Deus*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 9ss.

E quando a Bíblia fala de Yahweh, como juiz, pensa em sua vontade de “salvar da injustiça os oprimidos<sup>652</sup>”.

Na atualidade, desapareceu esta instituição da parcialidade da justiça com os fracos e oprimidos. Surgiram os direitos humanos universais para todos<sup>653</sup>. Entretanto, quando se observa a realidade de injustiças, são os débeis (empobrecidos) que precisam ser restabelecidos nos seus direitos, pois lhes foram subtraídos injustamente. Historicamente, já nasceram na injustiça. Por isso, eles não têm vida digna, educação, cidadania, enfim, todo o conjunto de leis que dão direito a todos os seres humanos de todo o orbe viverem com dignidade aqui na história e projetar-se para os “fins últimos” – escatológicos – conforme seu sentido religioso<sup>654</sup>.

Essa injustiça constitui uma violação dos direitos humanos que só pode ser superada por uma ação denunciatória e ao mesmo tempo por uma operação solidária mediante uma vivência coerente do evangelho para instaurar a Justiça do Reino<sup>655</sup>. Essa é práxis histórica e deve ser plena de gratuidade, pois o Reino como dádiva divina realizado pela ação de Jesus se realiza mediante suas atividades puramente gratuitas como as curas, as expulsões dos demônios, a acolhidas aos fracos e pecadores, as refeições com eles. Essa práxis de Jesus em si mesma é profética de denúncia das injustiças e de anúncio do Reino<sup>656</sup>.

A gratuidade dá a garantia da práxis do Reino de Deus ser exercida pelos cristãos sem interesses próprios. A gratuidade leva a compreender: toda a práxis deve ser a partir de Jesus e nenhuma ação sem seu amor solidário que não se projete para a realidade última do Reino de Deus<sup>657</sup>. Por isso, a gratuidade reinterpreta e reconfigura o exercício do “poder” seja político ou religioso ou de qualquer outra dimensão. É o exercício do “poder-serviço” inspirado nas ações de toda a vida terrena de Jesus como o lava-pés, o partir do pão e o gesto extremo de amor gratuito quando assumiu a cruz de forma solidária e parcial com as vítimas das injustiças para que elas tenham a vida no Reino de Deus<sup>658</sup>. Neste amor-

<sup>652</sup> SOBRINO, J. Jesús y La justicia, *op. cit.*, p. 191.

<sup>653</sup> Carta dos direitos humanos, em 1948.

<sup>654</sup> SOBRINO, J. Jesús y La justicia, *op. cit.*, p. 192-193.

<sup>655</sup> *Ibid.*, p. 194.

<sup>656</sup> *Ibid.*, p. 194.

<sup>657</sup> *Ibid.*, p. 195.

<sup>658</sup> *Ibid.*, p. 196.

serviço, amor-solidário, amor-parcial pelas vítimas está a santidade política dos discípulos de Jesus, mesmo sendo os pobres, como manifestou certa feita Ignácio Ellacuría que as “armas” dos pobres contra todas as injustiças é a santidade<sup>659</sup>.

Portanto, pode-se concluir: Jesus se faz solidário e crucificado por causa da Justiça<sup>660</sup>. Sua ação solidária com os empobrecidos da história coloca-o em combate acirrado com os poderes políticos internos e externos em Israel bem como o poder religioso constituído pela estruturas da Lei e do Templo de Jerusalém representadas pelo Sinédrio. Estes poderes eram tão injustos para com os pobres que Jesus com sua consciência histórica de Justiça não havia outra saída senão a de enfrentar com honradez pelas palavras e ações de profeta para ser a voz e dar vez aos marginalizados, excluídos e explorados. Diante de tamanha injustiça quem honra a si mesmo não pode ficar nem calado nem inerte.

Para uma pessoa formada nos princípios da revelação do Deus libertador<sup>661</sup> ao se defrontar com as injustiças enche-se de “indignação ética” ou como diz Leonardo Boff, Jesus se encheu de uma “iracunda divina” enfrentando com honradez até a morte de cruz (Fl 2, 8). Foi solidário e gratuito até o fim e não havia outro caminho, pois outros “caminhos” seriam os caminhos dos poderosos. Por isso, Jesus afirma: “Ninguém pode servir a dois senhores. Com efeito, ou odiará a um e amará o outro, ou se apegará ao primeiro e desprezará o segundo. Não podeis servir a Deus e ao dinheiro” (Mt 6, 24). Aqui se compreende o que significa a parcialidade de Jesus pelos injustiçados pobres. Este gesto de solidariedade gratuita de Jesus levou a compreender sua morte como redentora da humanidade. Vendo aqueles empobrecidos sem voz e sem vez, explorados, marginalizados e excluídos em todas as suas dimensões, e que por si só, não poderiam ser libertos, Jesus toma a firme decisão de ser solidário com eles até o fim assumindo a cruz, e acrescenta-se com Jon Sobrino, “por honradez com o real<sup>662</sup>”. Uma solidariedade assumindo a alteridade do outro com uma solidariedade-substitutiva<sup>663</sup>.

<sup>659</sup> Ibid., p. 196.

<sup>660</sup> Ibid., p. 197.

<sup>661</sup> GUTIÉRREZ, G. *O Deus da vida, op. cit.*, p. 25-57.

<sup>662</sup> Ibid., p. 197.

<sup>663</sup> RUBIO, A. *G.O encontro com Jesus Cristo vivo, op. cit.*, p. 130. Solidariedade-substitutiva não significa eliminar a responsabilidade do redimido, pelo contrário, exige de todos os que aceitam sua proposta de Jesus uma vida de correspondência gratuita no seguimento de Jesus.

#### 5.6.4.4.1. Vida em plenitude

“Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10, 10). Esta asserção de Jesus no discurso do Bom Pastor constitui uma nervura central do Reino de Deus. Esta ideia do Deus da Vida é preponderante na teologia do Evangelho de João. Já o seu prólogo afirma que o “Verbo de Deus se fez carne” (Jo 1, 14) e é vida e a luz dos homens (Jo 1, 4).

Há uma estreita correlação entre vida e luz. Parece ser a mesma realidade vista de ângulos diferentes, embora se correlacionando para criar tudo por meio do Verbo quando se afirma: “O que foi feito nele era a vida, e a vida era a luz dos homens; e a luz brilha nas trevas, mas as trevas não a apreenderam” (Jo 1, 4-5). Estas realidades correlatas perpassam todo o Evangelho como a presença salvadora de Jesus, o Verbo encarnado. O encontro com Nicodemos retrata o nascimento de uma nova vida nascida do Espírito (Jo 3, 6). Os sinais do Reino são sempre vida e luz<sup>664</sup>. Os dois maiores sinais são aqueles que geram e alimentam a vida e dão vida eterna como o milagre da partilha do pão (Jo 6, 1-15) e doação do pão simbólico – o próprio Jesus –, pão da vida eterna (Jo 6, 26ss). Vale ressaltar, estes sinais do pão acontecem sempre à luz do dia quando se diz “no dia seguinte” (Jo 6, 22) e nunca na escuridão da noite, pois a noite como sinal das trevas é momento das forças do anti-reino (Jo 18, 3). A luz gera a vida e vice-versa: “De novo, Jesus lhes falava: ‘Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida’” (Jo 8, 12). A vida eterna nasce do maior paradoxo da vida, a morte e o túmulo, as maiores trevas existentes; porém, nascem da pós-noite e pós-trevas densas na madrugada, mesmo quando ainda estava escuro, para dar início à disseminação das trevas pela luz nascendo paulatinamente com a força cândida da vida nova (Jo 20, 1). É a força da visão/luz que faz nascer a fé na ressurreição de Vida: “Ele viu e creu” (Jo 20, 8).

Depois desta reflexão um tanto personalista, convém citar o autor em estudo sobre esse conteúdo do Reino de Deus<sup>665</sup>, a vida justa para os pobres. “Vida justa” dos pobres é acentuada por Sobrino como o centro do conteúdo do

<sup>664</sup>Cf.: Bíblia de Jerusalém: Sete sinais do Reino de Deus no Evangelho narrado por João: O casamento em Caná (2, 1-12); o filho do funcionário real (4, 46-54); a cura do paralítico (5, 1-18); a multiplicação dos pães (6, 1-15); o cego de nascença (9, 1-41); a ressurreição de Lázaro (11, 1-44) e a ressurreição de Jesus (20, 1-10).

<sup>665</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, op. cit., p. 196.

Reino de Deus, histórico e utópico, porque tem um caráter libertador<sup>666</sup>. Jesus é o Deus da vida que a traz para os pobres, os quais estão vivendo numa situação de morte e em meio a sinais de morte. Assim, compreendem-se as curas dos pobres. Estes estão marginalizados sem vida. Jesus cura os doentes reintegrando-os na comunhão do povo e fazendo-os discípulos missionários desse Reino.

O milagre em si mesmo não tem tanto valor de salvação. Somente porque os inclui novamente nesta comunhão divina, com os seus semelhantes e os faz participantes do Reino. Essa vida justa é algo mais que uma realidade imanente por tratar também de uma realidade escatológica, pois a vida é restaurada pelo poder de Jesus como manifestação messiânica do Filho do Homem: “Para que saibais que o Filho do Homem tem poder de perdoar pecados na terra, eu te ordeno” – disse ao paralítico – “levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa” (Mc 2, 10-11) e pela fé dos sem-vida no Deus da vida: “Tua fé te salvou, vai em paz” (Lc 7, 50).

A afirmação lapidar de Jon Sobrino, “o Reino de Deus é a vida justa para os pobres aberta a um ‘mais’<sup>667</sup>”, implica viver a vida como conteúdo do Reino na história aberta a um ‘mais’ conduzindo à vida da realidade transcendente. Vida justa para os pobres significa retomar a dimensão da Aliança de Deus desde a criação e agora reassumida por Jesus como uma questão de direito dos pobres<sup>668</sup>, desrespeitado por quem não guarda a Aliança divina. Possibilitar e potencializar meios e bens para que os pobres tenham vida em abundância é o “já” do Reino de Deus e ao mesmo tempo é projetar-se para um ‘mais’ da utopia da plenitude da vida como bem maior do Reino. Essa plenitude se constitui como a “realidade última” do Reino<sup>669</sup> afirmando-se realidade histórica futura e transcendente.

Neste sentido, para se chegar à vida em plenitude, a felicidade completa, necessita-se de um bem fundamental, símbolo da vida justa dos pobres no Reino: o pão partilhado na mesa comum e na mesa simbólica de Jesus como dom maior do amor compartilhado e doado. Sobrino apresenta este pão partilhado<sup>670</sup> em três dimensões: a ética, que faz a distribuição do pão de forma equitativa – aqui se vê a

<sup>666</sup> Ibid., p. 198.

<sup>667</sup> Ibid., p. 198.

<sup>668</sup> ALDUNATE, J. (Coord.) et al. *Direitos humanos, direitos dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1991. Toda a temática do livro, mas de modo especial, vale a pena ler o capítulo X.

<sup>669</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, op. cit., p.201.

<sup>670</sup> Ibid., p. 198.

doutrina social de Igreja; a comunitária, pois, precisa-se repartir entre os irmãos e necessitados (At 2, 42-47) – aqui se observa a Teologia da solidariedade<sup>671</sup> tão defendida pelo Papa João Paulo II<sup>672</sup>; a dimensão celebrativa do comer juntos e aqui se pode compreender também a celebração do pão simbólico<sup>673</sup> da Eucaristia como duas realidades inseparáveis para os discípulos de Jesus<sup>674</sup>. Este, conseguido e partilhado pelos pobres – para eles e para os outros – é material e igualmente substrato para o pão espiritualizado. Ambos estão correlacionados.

Portanto, há uma transcendência histórica neste “mais” que pão, “mais” que vida. Jon Sobrino chama também de “fenomenologia do pão<sup>675</sup>” ou a “fenomenologia do mais” porque se torna mais que símbolo da vida material. “Pão conseguido e partilhado por alguns se converte imediatamente em pergunta pelo pão para outros, outros grupos e outras comunidades, definitivamente, o pão para todo um povo<sup>676</sup>” nos seus diversos níveis e símbolo transcendente da vida projetada para um horizonte transcendental: a Vida Eterna<sup>677</sup>. Convém concluir a reflexão deste item com uma citação sobriniana sobre a vida como um bem maior do Reino de Deus: “A ‘vida’ é uma realidade que por sua própria natureza está sempre aberta para um ‘mais’, é algo dinâmico que aponta para um desdobramento de si mesma para se realizar em diversos níveis, com novas possibilidades e exigências<sup>678</sup>”. Assim, a vida é uma realidade histórico-existencial humana projetando-se para um “sempre mais” transcendente.

#### 5.6.4.4.2. Amor: concreção do princípio-misericórdia

Inicialmente, há um esclarecimento a ser feito. O princípio-misericórdia não quer dizer “as obras de misericórdia”, muito menos uma realidade intimista e personalista. Quer expressar a “estrutura fundamental da reação perante as vítimas deste mundo. Esta estrutura consiste em que o sofrimento alheio é interiorizado

<sup>671</sup> ALMEIDA, J. C. *Teologia da Solidariedade*. São Paulo: Loyola, 2005. Tese doutoral sobre a Teologia da Solidariedade tendo como mediação as obras de Gustavo Gutiérrez e os ensinamentos do Papa João Paulo II, sobretudo, a encíclica “*sollicitudo rei socialis*”.

<sup>672</sup> JOÃO PAULO II. Carta encíclica *sollicitudo rei socialis*, n. 45.

<sup>673</sup> CROSSAN, J. D. *O nascimento do cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 461-481.

<sup>674</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, *op. cit.*, p. 199.

<sup>675</sup> *Ibid.*, p. 198.

<sup>676</sup> *Ibid.*, p. 198.

<sup>677</sup> *Ibid.*, p. 199.

<sup>678</sup> *Ibid.*, p. 199.

em alguém, e esse sofrimento interiorizado leva a uma reação (ação, portanto) e sem outros motivos para isso do que o mesmo fato do ferido no caminho<sup>679</sup>”.

Diante do sofrimento das vítimas latino-americanas, Jon Sobrino a partir de “El Salvador”, seu “lugar teológico”, pensa as realidades local e global permeadas de injustiças e desumanidades, as quais criam e mantêm vítimas inocentes. Perante estas realidades “se desperta” não do “sono dogmático” como afirmava Kant e sim, como assevera esse cristólogo “salvadorenho”, desperta-se do “sono da inumanidade<sup>680</sup>” para assumir com essas vítimas oprimidas uma luta de libertação porque o “princípio-misericórdia” desperta no “coração de carne” do ser humano um caminhar com Deus para descer da cruz os povos crucificados<sup>681</sup>. Sendo essa misericórdia a própria essência da energia do amor de Deus brotando de suas “entranhas misericordiosas” a qual pode e deve gerar, no interior do ser humano e principalmente do cristão, um dinamismo solidário para concretizar humana e historicamente o amor de Deus. Quatro passos são necessários observar para que essa concretude aconteça:

Primeiro é necessário ser historicizada a misericórdia<sup>682</sup> conforme a vítima ferida no caminho. Segundo, a misericórdia deve tornar-se justiça automaticamente e por causa disso quem a exerce torna-se um perseguido pelos poderosos, assim a misericórdia tem de ser mantida corajosamente com a virtude da fortaleza<sup>683</sup>. Terceiro, a misericórdia deve ser anteposta a qualquer coisa, não sendo nada fácil para qualquer instituição civil (governos, empresas, partidos, exércitos e nem tampouco para instituições religiosas e eclesiais<sup>684</sup>); e em quarto lugar, a misericórdia é um exercício criador de liberdade, esse valor de plenitude tão proclamado como ideal do ser humano pelo próprio Jesus como atualmente no mundo ocidental.

Este assunto do amor como concreção da misericórdia de Deus, emerge fortemente, em João Paulo II, quando escreve a encíclica sobre a misericórdia divina<sup>685</sup>. Dois teólogos se complementam: Jon Sobrino e Andrés Torres

<sup>679</sup> Id. *O Princípio misericórdia*, op. cit., p. 25.

<sup>680</sup> Ibid., p. 12.

<sup>681</sup> Ibid., p. 27.

<sup>682</sup> Ibid., p. 26.

<sup>683</sup> Ibid., p. 26.

<sup>684</sup> Ibid., p. 26.

<sup>685</sup> JOÃO PAULO II. *Dives in misericórdia*. Carta encíclica, 1980. São Paulo: Paulinas, 1998.

Queiruga. Este mais filo-teológico e aquele mais prático-pastoral quando trata da questão do amor como solidariedade parcial com os pobres concretos. Este amor solidário, por ser parcial com os pobres, não é exclusivista, mas inclusivo, por isso é universal para com todos mediante o processo de abrir-se aos pobres, às igrejas locais, às igrejas cristãs, às religiões e a todos de boa vontade demonstrando assim uma capacidade de abertura, de convivência entre si e com os diferentes. A Igreja prova realmente viver sua catolicidade neste processo ascendente transcendental<sup>686</sup>. Para Jon Sobrino, é evidente ser o amor-ágape no ser humano proveniente do “Princípio-misericórdia” divino<sup>687</sup>. Parte de realidades concretas, históricas e geográficas como no caso da solidariedade com os empobrecidos salvadorenos. Assim, solidariedade é não algo abstrato, em âmbito psicológico, mas real:

A solidariedade, tal como está ocorrendo, não é mera “ajuda” humanitária, como costuma ocorrer com frequência diante de catástrofes naturais, por exemplo. Obviamente esta ajuda é saudável e necessária e é uma resposta correta a uma exigência ética. Mas, se a solidariedade fosse só ajuda, não passaria de uma esmola magnificada, com a qual o doador dá algo que tem, sem por isso se ver comprometido no profundo de sua pessoa nem se ver urgido a manter essa ajuda. No entanto, tal como está acontecendo a solidariedade, esse primeiro movimento de ajuda compromete as pessoas em níveis mais profundos do que o simples dar, convertendo-se mais num processo continuado que uma ajuda esporádica<sup>688</sup>.

Conforme essa percepção, solidariedade é em primeiro passo um amar entre as pessoas, sejam cristãos ou não, sejam igrejas ou grupos humanitários. É um dar e receber mútuos, um envolver-se com os necessitados, nos casos particulares, com indivíduos e os povos concretos. Deste modo, viver solidariamente é estar numa espécie da “aliança” com os empobrecidos<sup>689</sup>. Em segundo passo é um dar-se desinteressadamente por pura gratuidade. Esta é uma atitude da pessoa, a qual começa com relações mútuas, entregando-se à liberdade entre solidarizante e solidarizado. Este passa a se solidarizar com aquele e com outros que necessitam não só mutuamente bem como para além de si quando se abrem para quaisquer outros. As CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) fizeram uma poesia manifestando essa solidariedade gratuita inspirada em Dom

<sup>686</sup> SOBRINO, J. *O Princípio misericórdia*, op. cit., p. 224ss.

<sup>687</sup> Ibid., p. 213ss.

<sup>688</sup> Ibid., p. 215.

<sup>689</sup> Ibid., p. 215.

Hélder Câmara: “Eu acredito que o mundo será melhor quando o menor que padece acreditar no menor”.

Andrés Torres Queiruga faz a distinção entre a tônica da sílaba antepenúltima e a penúltima: *ágape* e *agápe*<sup>690</sup>. Desta forma, *ágape* tem um sentido de refeição comum, confraternização entre pessoas, grupos, comunidades – a refeição dos cristãos primitivos – e *agápe* o sentido mais originário e fundamental do amor mútuo, gratuito, desinteressado, amor-serviço, doação, oblato entre os cristãos<sup>691</sup>. Neste sentido, pode-se compreender a síntese dos mandamentos da *Torá* divina feita por Jesus nos mandamentos com a tríplice correlação do amor tendo o amor a Deus sobre todas as coisas e em consequência disso, o amor ao próximo como a si mesmo (Mc 12, 28-34). Na perspectiva cristã, só se conhece o *amor-agápe* mediante o ensinamento do “mandamento” do amor pela ação e palavra de Jesus Cristo<sup>692</sup>. Para tanto, é necessário conhecer e fazer a experiência de Jesus como amor-doação, à semelhança do cuidado do pastor com suas ovelhas e do amor em plenitude oblato<sup>693</sup>, pois Jesus, mesmo sendo o esplendor da Glória divina e a expressão do seu ser (Hb 1, 3), fez-se igual aos humanos e não tem vergonha de ser chamado de irmão (Hb 2,17):

Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas suas ovelhas. [...]. Conheço minhas ovelhas e as minhas ovelhas me conhecem, como o Pai me conhece e eu conheço o Pai. Eu dou minha vida pelas minhas ovelhas. [...]. Ninguém a tira de mim, mas eu a dou livremente (Jo 10, 11ss). Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos. Vós sois meus amigos, se praticais o que vos mando. Já não chamo servos, porque o servo não sabe o que seu Senhor faz; mas eu vos chamo amigos, porque tudo o que ouvi de meu Pai eu vos dei a conhecer. Isto vos mando: amai-vos uns aos outros (Jo 15,13-15.17).

<sup>690</sup> QUEIRUGA, A. T. *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus: Por uma nova imagem de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 110. Acredita-se haver um perfeito diálogo entre o pensamento de Sobrino e o de Queiruga no tocante ao princípio fundamental cristão: O “Amor-ágape”, sobretudo, da forma como está refletido, nãoobstante, em “lugares teológicos” diferentes.

<sup>691</sup> *Ibid.*, p. 110.

<sup>692</sup> RAHNER, K. *Teologia e antropologia*. São Paulo: Paulinas, 1969, p. 185-212; Id. *O dogma repensado*. São Paulo: Paulinas, 1970, p. 214s; Id. *Curso fundamental da fé, op. cit.*

<sup>693</sup> PHILIPPE, M-D. *O Amor na visão filosófica, teológica e mística*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 54ss. *Ética a Nicômaco*. Os gregos dividiam o amor em três: *Eros, filia, ágape*. Vejam-se também novas dimensões do amor inseparáveis: TILLICH, P. *Amor, Poder e Justiça*. São Paulo: Novo Século, 2004.

Destarte, conteúdo central do Reinado de Deus é o amor da pessoa de Jesus pelas ovelhas sofridas, neste caso os pobres. Conforme Andrés Torres Queiruga, no amor de Jesus pelos pobres, veem-se em quatro dimensões:

A primeira é a iniciativa e quer dizer espontaneidade no sujeito que ama, no caso Jesus<sup>694</sup>. Ele toma a iniciativa para amar indo até o ser humano. Neste sentido, a encarnação<sup>695</sup> é o primado do amor do Filho de Deus como projeto trinitário já bem antes da criação do mundo (Col 1, 13-23) como plenitude do ato criador para humanizar o ser humano no mundo real. O apóstolo já assegura essa iniciativa divina mesmo “quando ainda éramos pecadores” (Rm 5, 8). A teologia mística joanina é mais pertinente: “não fomos nós que amamos a Deus, mas foi ele quem nos amou e enviou-nos o seu filho como vítima de expiação pelos nossos pecados” (1 Jo 4, 10). Numa linguagem mística sponsal tanto o judaísmo como o cristianismo se originaram e se afirmaram historicamente com a experiência de um Deus esposo e de um povo esposa quando o amor do amante Deus é eterno e perfeito (Jr 31, 13) e o amor da amada passa sempre por infidelidades (Os 2, 4ss).

A segunda dimensão do amor de Jesus é a universalidade<sup>696</sup>. Essa universalidade de Jesus se constitui a partir de uma realidade concreta e parcial, conforme Sobrino os pobres, como já se viu anteriormente e se projeta numa circularidade<sup>697</sup> do envio do Filho de Deus desbordante dos limites étnicos, dos estratos sociais, das culturas, dos povos, das nações e dos territórios (Mt 15, 21-31). É a dimensão *crística* universal do amor de Deus manifestado em Jesus<sup>698</sup>. A cristificação universal mediante o processo evolutivo da criação. Este culminará com a cristificação do universo, a plenitude da amorização de/em Cristo. A teologia mateana assegura essa universalidade quando capta a asserção jesuânica de que “Deus faz nascer o seu sol igualmente sobre maus e bons e cair a chuva sobre justos e injustos” (Mt 5, 45). Esta universalidade de Jesus não se dá só pelo princípio universal de justiça divina nem só pela dimensão crística no universo, mas, sobretudo, porque Jesus, sendo Deus se fez servo em quênosis (Fl 2, 5-11).

<sup>694</sup> QUEIRUGA, A. T. *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, op. cit., p. 135.

<sup>695</sup> SOBRINO, J. *O Princípio Misericórdia*, op. cit., p. 252.

<sup>696</sup> QUEIRUGA, A. T. *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, op. cit., p. 135.

<sup>697</sup> SOBRINO, J. *O Princípio Misericórdia*, op. cit., p. 231.

<sup>698</sup> BOFF, L. *Evangelho do Cristo cósmico: A busca da unidade do Todo na ciência e na religião*. Rio de Janeiro: Record, 2008. Obra baseada em Teilhard Chardin.

A terceira é a absolutez<sup>699</sup>, a qual se manifesta em várias dimensões. O perdão sem limite<sup>700</sup> se constitui primordialmente na essência da pregação de Jesus quando afirma: “até setenta vezes sete” (Mt 18, 22) deve-se perdoar. É a experiência fundante do cristianismo no momento da cruz! “Pai, perdoa-lhes, eles não sabem o que fazem” (Lc 23, 34). Depois, o mandamento do amor como imperativo para todas as dimensões do ser humano. Este mandamento deve manifestar-se como ato primeiro, realização subjetiva da pessoa humana: “amarás de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento” (Mt 22, 37) e posteriormente como ato segundo, não de menor valor, como realização objetivada. Só assim “nestes dois mandamentos consistem a Lei e os Profetas” (Mt 22, 40). Em seguida, esse amor jesuânico se constitui mediante realidades paradoxais “enquanto capacidade de assumir em si mesmo sua própria contradição<sup>701</sup>”: “amai vossos inimigos” (Mt 5, 44) e por fim, a culminação do amor desde o sentimento do *eros* até o ágape místico<sup>702</sup> como a caridade como um bem supino (1Cor 13, 13).

E por fim, a quarta é dimensão da *kênosis*<sup>703</sup> de Jesus chegando ao ápice na morte de cruz (Fl 2, 8). Assim deve ser a entrega do cristão pela fé<sup>704</sup>. Abraçando o princípio pelo qual Deus é amor (1 Jo 4, 8.16); é movimento intratrinitário que se chama *kênosis-pericorética*<sup>705</sup>, e extratrinitário o qual se pode designar de *kênosis-salvífica*<sup>706</sup> por se tratar do mistério da encarnação com todo o processo histórico de Jesus até sua morte e ressurreição. Aqui tudo acontece para criar, redimir, salvar e conceder numa correlação mútua das três pessoas trinitárias movimentando-se com a humanidade cheia de ambiguidades<sup>707</sup> concedendo-lhe mediante este *amor kenótico* uma vida reintegrada e sem ambiguidades<sup>708</sup>.

<sup>699</sup> QUEIRUGA, A. T. *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, op. cit., p. 136.

<sup>700</sup> SOBRINO, J. *O Princípio Misericórdia*, op. cit. Neste livro há três capítulos sobre o perdão na América Latina. Capítulo 5, p. 97: América Latina: Lugar de pecado, lugar de perdão; capítulo 6, p. 113: Quinto centenário: pecado estrutural e graça estrutural e capítulo 7, p. 133: Pecado pessoal, perdão e libertação.

<sup>701</sup> QUEIRUGA, A. T. *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, op. cit., p. 136.

<sup>702</sup> PHILIPPE, M-D. *O Amor...*, op. cit., p. 115ss.

<sup>703</sup> QUEIRUGA, A. T. *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, op. cit., p. 137.

<sup>704</sup> SOBRINO, J. *O Princípio Misericórdia*, op. cit., p. 244.

<sup>705</sup> XAVIER, D. J. A *kênosis* da Trindade. In: *Revista de Cultura Teológica*, v.15, n.59, [abr/jun] 2007, p. 43-63.

<sup>706</sup> BALTHASAR, U. *Teologia dei tre giorni*. 5. ed. Brescia: Queriniana, 2003, p. 23ss.

<sup>707</sup> TILLICH, P. *Teologia Sistemática*, op. cit., p. 339ss; 492ss.

<sup>708</sup> *Ibid.*, p. 563ss.

Esse *amor-kenótico* do Filho de Deus na encarnação e na cruz é o único paradigma manifestado como amor pascal do esquema místico do abaixar-se divino para exaltar-se pelo poder de sua ressurreição. Mesmo que a teologia neotestamentária afirme a ressurreição de Jesus é pelo poder de Deus (At 2, 24), Ele por si mesmo tem o poder de ressuscitar por ser o Verbo eterno encarnado (Jo 1, 14) “pré-existente” antes de todas as realidades (Col 1, 15-20) e “pós-existente” na glória eterna (Fl 2, 9-11). Conforme Paul Tillich tanto na “pré-existência” como na “pós-existência histórica” do *logos* se manifesta no “Novo Ser”, o qual é “independente das contingências históricas e depende tão-somente de Deus<sup>709</sup>”. Assim, em se tratando da realidade histórica, o *amor-kenótico* de Jesus é paradigma para todos os instauradores do Reinado de Deus. É o amor que se historiciza até o gesto mais supino do doar-se simbolicamente em pão e do imolar-se solidariamente pelos pecadores (Rm 5, 6ss). No amor há sempre uma relação dinâmica e de aventura; compreende a doação, a receptividade e a reciprocidade.

Neste sentido, em toda projeção há uma reação contrária, não necessariamente de destruição, mas de encontro e construção. Há uma tensão polarizada na qual pode gerar dor/sofrimento por causa de forças diferentes, mas a força ativa é do amante e em se tratando de Deus é sempre maior porque toma a iniciativa de atrair a energia do amado, sempre diferente, acometendo em ambos um prazer equacionado – em mística teológica, êxtase prazeroso. Em ambos os entes (amante e amado), quando acontece o momento do encontro livre e gratuito há uma “quase” simbiose fecunda extasiando-se um no outro<sup>710</sup> como uma espécie de atrativo provocando assim o amor-erótico, o qual tende a transcender de si para um fim último chamado na mística de amor unitivo. Uma comparação simples seria de um grande ímã que atrai outros pedaços de ímãs magnetizados.

Conforme o teólogo Renold Blank, para se conhecer o Amor de Deus é necessário conhecer a Jesus porque Ele é Deus: “*Se queremos saber como Deus é, devemos saber como Jesus é, porque Jesus é Deus*<sup>711</sup>”. Neste conhecer Jesus se descobre quem é Deus tanto “*em-si-mesmo*”, isto é, sua essência quanto “*ser-para-nós*”, ou seja, sua existência e ambas em Jesus coincidem<sup>712</sup>. No agir de

<sup>709</sup> Ibid., p. 445.

<sup>710</sup> XAVIER, D. J. A kénosis da Trindade, *op. cit.*, p. 47.

<sup>711</sup> BLANK, R. *Deus na história*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 38.

<sup>712</sup> TILICH, P. *Teologia Sistemática*, *op. cit.*, p. 408s.

Jesus se patenteia a essência divina, o amor! Deus é amor em todo o seu ser e agir, por isso se pode afirmar acertadamente com Andrés Torres Queiruga: “*Deus consiste em amar. Em nossa linguagem deficiente, devemos dizer que ele nem sabe, nem quer, nem pode fazer outra coisa a não ser amar*”<sup>713</sup>.

Nesta perspectiva, Sobrino afirma a parcialidade de Deus por meio de Jesus em amar os pobres. Significa que Jesus ama os pobres parcialmente por solidariedade a quem não os ama. O gesto de Jesus é mandamento missionário para que se mude de vida passando a amar também os pobres formando assim um projeto de igualdade entre seus seguidores. É a pedagogia de Deus a forma parcial de amar. Fazer justiça aos órfãos e às viúvas (Is 1, 17), no Antigo Testamento, usar de solidariedade com os pequeninos (Mt 25, 45), no Novo Testamento levam, necessariamente, à compreensão de um Deus que ama parcialmente os pobres para a partir dessa particularidade chegar a uma universalidade da salvação no sentido de que Deus-Pai está aberto a todos.

A nova imagem de Deus como *Abbá* (paizinho querido) emersa da nova realidade para a qual todos são nascidos do Espírito (Jo 3, 6) surge dessa pedagogia divina de amar os que estão sem vida, sem justiça e sem amor, para converter os historicamente co-responsáveis por esse mal historicizado<sup>714</sup>. Essa pedagogia de Jesus faz seus discípulos<sup>715</sup> corresponsáveis na missão porque adquirem uma nova experiência de Deus e uma nova ação salvadora para toda a humanidade. Os discípulos missionários<sup>716</sup> são agentes dessa transformação salvadora a partir da parcialidade. Se fosse o contrário, a ação deles seria puramente receptiva e estática em receber a salvação. Com a ação parcial de Jesus pelos pobres concretos os discípulos entram na história como agentes dinâmicos de libertação projetando-se à uma realidade última chamada vida eterna.

A afirmação joanina de que Deus é amor e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus permanece nele (1 Jo 4, 16) constitui o mandamento maior de Jesus de amar o próximo como a si. O amor a si mesmo é originante porque esse é *a priori* originado pelo amor de Deus amando por primeiro (1 Jo 4,

<sup>713</sup> QUEIRUGA, A. T. *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, op. cit., p.139.

<sup>714</sup> Ibid., p. 181ss.

<sup>715</sup> CELAM: Documento de Aparecida, capítulo II.

<sup>716</sup> CELAM: Documento de Aparecida. Neste documento se usa a expressão “discípulos missionários” para superar a dicotomia “discípulos e missionários”.

10). O cristão é filho do amor da Trindade Santíssima. O cultivo desse amor trinitário é importante para crescer e se fortalecer mediante o que se chama graça no amor a si mesmo prolongando-se para o amor ao próximo. Neste sentido o amor ao próximo é igual ao amor a si mesmo, mas este é *principis* ante aquele e o amor divino infuso no ser humano é a realidade fundante de todas as outras dimensões do amor<sup>717</sup>. A afirmação queirugana de que o homem é (dever ser) amor<sup>718</sup>, o homem é criado do amor divino e é personificado para o amor divino. Por isto, o amor, como realidade fundante, é primeiramente a Deus<sup>719</sup>, segundo a si mesmo<sup>720</sup>, posteriormente aos outros<sup>721</sup>; e de forma mais supina aos inimigos para estes poderem, ao verem os gestos de extremo amor, converter-se e amar a Deus, e assim amar a si mesmos e ao próximo de forma transformada e chegarem ao alcance da plenitude do amor: a salvação<sup>722</sup>. Mesmo quando se põe o amor ao irmão como medição para Deus como João, “Se alguém disser: ‘amo a Deus’, mas odeia seu irmão, é um mentiroso; pois quem não ama seu irmão, a quem vê, não poderá amar a Deus, a quem não vê” (1 Jo 4, 20), não nega essa realidade pré-existente do amor de Deus nos seres humanos.

Destarte, mesmo entendendo o amor ao outro como meio para o amor de Deus, prova-se que a realidade fundante desse amor não é senão o amor a Deus como está revelado no primeiro dos mandamentos (Dt 6, 4-9). Essa realidade é *a priori* a toda energia de amor a si mesmo e ao próximo. É o fundamento do amor humano. O amor divino está infuso no ser das coisas e das pessoas<sup>723</sup>.

#### 5.6.4.4.3. Nova realidade espiritual

Na cristologia de Paul Tillich, a ressurreição de Jesus é uma grande *descontinuidade* (grifo do pesquisador) porque é a irrupção histórica do “Novo Ser”, portando, por sua força de transformação, justificação e santificação<sup>724</sup>, uma nova dimensão da vida e um novo sentido da história. Por isso, a assertiva de ser

<sup>717</sup> PHILIPPE, M-D. *O Amor...*, *op. cit.*, p. 13ss.

<sup>718</sup> QUEIRUGA, A. T. *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, *op. cit.*, p. 151.

<sup>719</sup> *Ibid.*, p. 158.

<sup>720</sup> *Ibid.*, p. 162.

<sup>721</sup> *Ibid.*, p. 165.

<sup>722</sup> *Ibid.*, p. 169.

<sup>723</sup> SANTO AGOSTINHO, Confissões, Livro I, 2, 3; Livro IV, 12.

<sup>724</sup> TILLICH, P. *Teologia Sistemática*, *op. cit.*, p.460-464.

um novo *éon*, um novo tempo, novo espaço e nova realidade como um ser existencial, a existência alienada e cheia de ambiguidade foi assumida por Jesus, o Cristo, o Novo Ser<sup>725</sup>, para transformá-la por esse poder de salvação<sup>726</sup>.

Neste sentido, o livro do Apocalipse afirma: “Vi então um céu novo e uma nova terra – pois o primeiro céu e a primeira terra se foram, e o mar já não existe” (Ap 21, 1). Esta ressurreição é compreendida hoje como uma missão universal da presença salvadora de Deus na história experimentada em plenitude pelos discípulos de Jesus. Uma experiência forte, densa, larga e profunda, uma realidade que os discípulos não podiam conter, e tiveram de obedecer ao mandato missionário<sup>727</sup> de ir anunciar aos povos e nações a Boa-nova alvissareira como verdade de salvação.

Essa realidade metamorfoseada pela aurora da ressurreição de Jesus se constitui como uma realidade nova, espiritual, nascida além do túmulo (Mt 28, 1ss). A manhã da ressurreição é plena de alegria e cheia da ousadia de viver sem medo de anunciar a notícia: Jesus ressuscitou! Novo *éon* é tempo novo e realidade nova para além da religião institucionalizada. A metáfora do banquete esposal expressa a pujante alegria de uma ruptura radical do velho com o novo (Mc 2, 18ss). A nova Aliança não destrói a realidade velha, mas pelo poder de salvação de Jesus é transfigurada numa realidade transcendente com a presença do Espírito (Mc 9, 1ss). Ela é pascal: cruz, ressurreição (Mc 16) e ao mesmo tempo sempre de recomeço missionário: “ide dizer aos seus discípulos e a Pedro que ele vos precede na Galileia (Mc 16, 7). É uma vida nascida do Espírito sem as mediações entre Deus e os seres humanos (Jo 3; 4, 23-24), uma vida na fé (Jo 20, 8).

## 5.7. Transcendência histórica do Reino de Deus

A realidade histórica do Reino de Deus não pode esbarrar na dimensão do ato, pois está correlacionada com um devir de uma práxis histórica<sup>728</sup>. História não é só fato do passado, mas projeção para futuro com suas utopias. Sobrino, ao analisar essa transcendência histórica do Reino de Deus, reflete filosoficamente

<sup>725</sup> Ibid., p. 407ss.

<sup>726</sup> Ibid., p. 450ss.

<sup>727</sup> RATZINGER, I. *Dogma e anúncio*. São Paulo: Loyola, 2007, p. 297.

<sup>728</sup> GUTIÉRREZ, G. *Teologia da Libertação, op. cit.*, p. 267.

sobre a vida. Afirma ele: “A ‘vida’ é uma realidade que por sua própria natureza está sempre aberta para um ‘mais’, é algo dinâmico que aponta para um desdobramento de si mesma para se realizar em diversos níveis, com novas possibilidades e exigências<sup>729</sup>”.

Assim, como a vida, também a realidade histórica, a qual não se dissocia da vida, para existir necessita sair de si mesma. Esse sair de si mesmo é a transcendência da história. É a abertura para um “mais”, a qual se manifesta segundo o autor citado na “fenomenologia do pão”, pois, o pão é “símbolo da vida”. Assevera Jon Sobrino:

O Reino de Deus começa com o pão, símbolo da vida e de superação da morte. Mas esse pão é sempre mais do que pão. Sua própria realidade leva consigo a pergunta pelo como consegui-lo, com o que se introduz no pão a dimensão praxica do ser humano. Uma vez conseguido, surge espontaneamente a pergunta pelo compartilhar do pão, e aparece assim, ao mesmo tempo, a dimensão ética do pão (a exigência de distribuí-lo), sua dimensão comunitária (o pão enquanto repartido) e sua dimensão celebrativa primária (comer juntos em redor de uma mesa). Pão conseguido e partilhado por alguns, converte-se imediatamente em pergunta pelo pão para outros, outros grupos e outras comunidades, definitivamente, o pão para todo um povo<sup>730</sup>.

Neste sentido, surgem as dimensões: econômica, social, política e também religiosa de como conseguir e compartilhar o pão para todos. Aqui entram as ideologias funcionais, teologias, forma de ser do povo e de Igreja<sup>731</sup>. À Teologia da Libertação emerge uma nova consciência e práxis religiosa de lutar por um “mais” da história do Reino, para conseguir e compartilhar o pão, símbolo da vida. Um grande contributo teológico se registra com o Papa João Paulo II em suas encíclicas sobre a nova compreensão de solidariedade cristã e a partir da qual se pode ter um novo critério para interpretar<sup>732</sup> a prática do amor cristão, principalmente quando na supracitada encíclica se afirma:

Os sinais positivos no mundo contemporâneo são, ainda, a maior consciência de solidariedade dos pobres entre si, as suas intervenções de apoio recíproco e as manifestações públicas no cenário social sem recorrer à violência, mas tornando

<sup>729</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, op. cit., p. 197.

<sup>730</sup> Ibid., p. 197.

<sup>731</sup> Ibid., p. 197.

<sup>732</sup> JOÃO PAULO II: *Sollicitudo Rei Socialis*, 40.

presentes as próprias necessidades e os próprios direitos perante a ineficácia e a corrupção dos poderes públicos. [...] A solidariedade ajuda-nos a ver o outro – pessoa, povo ou nação – não como um instrumento qualquer, de que se explora, a baixo preço, a capacidade de trabalho e resistência física, para o abandonar quando já não serve; mas sim como um nosso “semelhante”, um “auxílio” (Gn 2, 18.20), que há de tornar-se participante, como nós, do banquete da vida, para o qual todos os homens são igualmente convidados por Deus. [...]. A solidariedade é indubitavelmente uma virtude cristã [...]. À luz da fé, a solidariedade tende a superar-se a si mesma, a revestir-se das dimensões especificamente cristãs da gratuidade total, do perdão e da reconciliação (João Paulo II: *SRS*, 39-40).

Para Sobrino essa solidariedade nasce, cresce e se estrutura na vida das pessoas e das igrejas a partir do amor, a “misericórdia para que as entranhas se remexam diante dos “sem-pão”, coragem para lutar por eles, fortaleza para manter-se nos conflitos e perseguições, verdade para analisar as causas de não haver pão e para analisar os melhores caminhos para superá-los<sup>733</sup>”. Essa misericórdia nasce da pregação do Evangelho e leva a considerações e denúncia da realidade de extrema miséria na América Latina e a anunciar uma utopia mediante uma práxis histórica de Libertação, e por isso, utopia não é irreal, mas uma realidade já experimentada nas ações comunitárias de um povo por causa do Evangelho<sup>734</sup>. Nesta tensão entre o presente já experimentado e o futuro a ser plenificado se dá a transcendência histórica do Reino de Deus. Um “já” e um “ainda-não”, presente e futuro históricos projetando-se como um sempre “mais”, um horizonte a ser alcançado constitui-se essa transcendência histórica. Assim o Reino de Deus, mesmo compreendendo-o como realidade histórica, possui essa transcendência do sempre “mais” tanto histórico como trans-histórico, individual e coletivo, pela história da humanidade e dinâmica da vida pessoal.

## 5.8. Transcendência teológica do Reino de Deus

Este esquema processual de compreender a realidade imanente e transcendente do Reino de Deus a partir da pregação de Jesus demonstra-se com muita dinamicidade na práxis histórica dos cristãos e, de modo especial, os povos crucificados<sup>735</sup>. Mesmo compreendendo-o como um dom (gratuito) de Deus, ele

<sup>733</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, op. cit., p. 197.

<sup>734</sup> GUTIÉRREZ, G. *Teología da Libertação*, op. cit., p. 298-300. Gutiérrez se inspira em Paulo Freire para fazer sua reflexão sobre utopia no contexto da América Latina.

<sup>735</sup> ELLACURIA, I; SOBRINO, J. (Org.). *Mysterium Liberationis: Conceptos fundamentales del la Teología de la Liberación*. Tomo II. Madrid: Editorial Trotta, 1990, p.189-216.

foi pregado por Jesus na história das pessoas e de uma comunidade de discípulos/as pedindo conversão. Neste processo de *metanóia*, as pessoas em correlação com a comunidade eclesial entram num processo histórico e dinâmico para receber o Reino como dom e missão<sup>736</sup>.

Para tanto, necessário se faz na realidade mundial hodierna compreender o mistério da encarnação e da escatologia como um processo ascendente da cristologia a partir de baixo<sup>737</sup>, apesar de haver a cristologia a partir de cima, a descendente. Uma cristologia que supere as dicotomias existentes há de ser sempre a do cruzamento das duas cristologias<sup>738</sup>, ou seja, a cristologia da cruz tendo como “lugar teológico” a realidade histórico-existencial, principalmente na América Latina e nos países do terceiro mundo, diga-se não haver outra forma de fazer cristologia, pois essa sempre se faz a partir do humano, isto é, quem a faz é o ser humano também dentro de sua realidade histórico-existencial.

Indubitavelmente, um tema difícil de ser pensado. Conforme Jon Sobrino, essa realidade é projetada para um “mais” históricotranscendente, o qual é mediação para a realidade última desse Reino. Ele chama de “transcendência teologal do Reino de Deus<sup>739</sup>”. Para se fazer uma cristologia de cruzamento dos dois esquemas descendente e ascendente, uma cristologia do encontro do imanente com o transcendente há de ser sempre a partir de “baixo” para “cima”, da imanência para a transcendência, partindo da *kênosis* de Jesus<sup>740</sup> como servo de Deus (Fl 2, 6ss), pois é, ousada e corajosamente, a afirmação de que se deve superar a mitologia provinda de cima para baixo e afirmar ser sempre o ser humano, histórico e contextualizado quem faz a cristologia. E em se tratando da Cristologia da Libertação é a partir dos empobrecidos e das vítimas oprimidas<sup>741</sup>. Mesmo quando se parte do dado revelado: “Deus é amor” (1Jo 4, 8) ou “Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3, 16), é sempre a partir de uma

<sup>736</sup> BINGUEMER, M. C. L. *Jesus Cristo: Servo de Deus e Messias glorioso*. São Paulo: Paulinas; Valência-ESP: Siquém, 2008, p. 63.

<sup>737</sup> SEGUNDO, J. L. *O homem de hoje diante de Jesus de Nazaré*. V.2, 2. *Op. cit.*, p. 139ss.

<sup>738</sup> *Ibid.*, p.140.

<sup>739</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, *op. cit.*, p. 200.

<sup>740</sup> HAIGHT, R. *O futuro da Cristologia*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 67ss; 31ss.

<sup>741</sup> FERRARO, B. Cristologia a partir da América Latina: Pressupostos. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 48, fasc. 190, p. 283-309, [jun.] 1988.

experiência humana de fé histórica do apóstolo e do Jesus encarnado e isto significa dizer também histórico e humano<sup>742</sup>, feito vítima na cruz.

Não se entenda como reducionismo essa cristologia a partir de baixo, porquanto assim posto seria como se Deus fosse limitado ao ser humano, mas vislumbrar as categorias linguísticas para revelar a experiência do Mistério de Deus como humana e são a partir da imanência para a transcendência que se faz teologia. Para se superar tal dicotomia é necessário pensar a transcendência dentro de imanente. Para isso a análise a ser feita é imaginar a dimensão da mística como nos “êxtases” de São Boaventura<sup>743</sup> como o transcendente, o qual se projeta para fora de sua realidade imanente.

A partir dessa perspectiva se põe esta tese para defender Jesus como servo de Deus correlacionado com os profetas-mártires e os povos-crucificados latino-americanos. Visto dessa ótica ascendente, pode-se perceber o verdadeiro Deus de Jesus Cristo como o da Vida para quem não tem vida: os pobres, as vítimas das injustiças e das violências<sup>744</sup>. Sendo Ele Vida justa para os pobres, porque Ele se apresenta como um Deus-menor<sup>745</sup>, o Servo Jesus se compreende a partir de sua *kênosis* na encarnação e morte de cruz para se chegar à dimensão do transcendente. Reino, assim, é uma realidade histórica e esta transcende historicamente, uma realidade transcendente além da história. Neste trans-histórico se mantém a realidade de mistério de Deus como aquele Mistério<sup>746</sup> que dá sentido a todos os outros “mistérios”.

Destarte, conforme Jon Sobrino, há uma realidade dual entre Deus e o Reino, entre Jesus Cristo e o Reino; igualmente identifica-se entre suas dimensões histórica e a trans-histórica do Reino definitivo de Deus. Contudo se precisa conquistá-lo historicamente<sup>747</sup> e, para tanto, necessita-se caminhar num longo

<sup>742</sup> Ibid., p. 284ss.

<sup>743</sup> BOFF, C. *Teoria do método teológico*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 317. [...] Em se tratando da realidade divina, só se dispõe da linguagem humana, pois é a partir da experiência de Deus com o ser humano, mas este para falar sobre Deus, ou melhor, dizendo para falar de Deus – a partir de Deus – precisa como Paulo de “cair do cavalo”, só que é uma “queda para o alto” ou como afirmava Boaventura: “é viver um êxtase”.

<sup>744</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, op. cit., p. 199.

<sup>745</sup> Id. *A fé em Jesus Cristo*, op. cit., p. 137.

<sup>746</sup> RAHNER, K. *Curso fundamental da fé*, op. cit. Segunda Seção: O homem perante o Mistério Absoluto. Ele é criado pelo Mistério, vive envolto ao Mistério e se destina para o Mistério. Não há possibilidade de pensar o ser humano sem Deus, o Mistério Absoluto.

<sup>747</sup> BINGUEMER, M. C. L. *Deus-amor: a graça que habita em nós*. V.7. São Paulo: Paulinas; Valência, ESP: Siquém, 2003, p. 78-86.

processo de *metanóia* mesmo em meio ao anti-reino para que sejam vencidos – com Jesus, em Jesus e para Jesus, e só assim “*Deus será tudo em todos*”<sup>748</sup>.

## 5.9. Conclusão

Concluindo este quarto capítulo da segunda parte desta tese, o qual reflete sobre a segunda dimensão de Jesus-servo como sendo a *missão* abordou-se a questão do Reino de Deus. Jon Sobrino o aborda o Reino de Deus em três vias: *a via nocional, a via do destinatário e a via prática*.

Na via nocional, Reino de Deus é compreendido como “Reinado de Deus”. Há uma realidade dual entre Jesus e o Reino, ambos inseparáveis. Reino de Deus - ou Reinado de Deus – é uma realidade última. Vive-se sempre a partir de Jesus no “já” presente do Reino, mas na esperança do “ainda-não” a ser realizado em plenitude, por isso, Reino de Deus é já uma realidade presente a partir de ressurreição de Jesus, mas sempre uma utopia como um horizonte a ser alcançando. Na via destinatária o Reino destina-se primeiramente aos pobres de forma parcial, pois Deus é o Go’el defensor dos pobres. Entretanto, está aberto para aqueles que quiserem se abrir ao processo de conversão e se forem solidários com os empobrecidos como no caso da Zaqueu (Lc 19, 1-10). Ser solidário atuando com o valor da vida e da justiça por que se readquire uma nova imagem de Deus: a do *Abbá* – paizinho querido. Emerge a nova ideia de um Deus misericórdia compadecendo-se solidariamente com os empobrecidos e os pecadores. Na vida prática aparecem os milagres das curas, a expulsão dos demônios, a acolhida aos pecadores para que se convertam como sinais do Reino. As parábolas são ensinamentos do Reino. Uma cristologia do Reino de Deus num contexto latino-americano depara-se logo com um embate entre os valores do Reino e os contravalores do anti-reino. Grande problema na América Latina é a idolatria, a qual precisa ser desmascarada. Essa idolatria faz milhões de vítimas provocando mortes. Ela está representada pelos três verbos: *ter, poder e prazer*.

Mas, o Reino de Deus para a Cristologia da Libertação de Jon Sobrino é primeiramente uma realidade histórica, pois quando o povo de Deus começa a despertar nova consciência começa com novas práticas de transformação interior e

<sup>748</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, op. cit., p. 200.

exterior. Por isso, o Reino de Deus se apresenta com um conteúdo muito forte e denso. Em primeiro lugar, no processo de conversão surge uma nova imagem de Deus como Deus-misericordioso, um Deus-amor. E neste sentido, três princípios se articulam sequencialmente: do princípio-misericórdia para o princípio-solidariedade e deste para o princípio-justiça. Tudo isso para que todos tenham vida e a tenham em abundância (Jo 10, 10). Assim, o Reino é vida em plenitude e para que essa vida chegue à plenitude há uma necessidade da concreção do *amor-ágape* começando pelo princípio-misericórdia à semelhança de Jesus com seu amor-ágape em sua *kênosis* livre e gratuita como o objetivo de salvar a humanidade. Com isso nasce uma nova realidade espiritual pelo amor-ágape de Jesus e nos seus seguidores.

Assim, percebe-se logo uma transcendência histórica do Reino por que o amor é sempre mais. E este amor vem de Deus por que Deus é amor, por isso, afirma Jon Sobrino que ele é teologal. “Deus é amor” (1Jo 4, 16). E fechando essa conclusão, diga-se com Andrés Torres Queiruga um texto já supracitado: “*Deus consiste em amar. Em nossa linguagem deficiente, devemos dizer que ele nem sabe, nem quer, nem pode fazer outra coisa a não ser amar*”.